

UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL CATARINENSE - UNESC

CURSO DE ARTES VISUAIS - LICENCIATURA

ANA CLÁUDIA PINHEIRO MARQUES

**VIVÊNCIAS ARTÍSTICAS NA FORMAÇÃO DO PROFESSOR DE
ARTES**

CRICIÚMA, 2018

ANA CLÁUDIA PINHEIRO MARQUES

**VIVÊNCIAS ARTÍSTICAS NA FORMAÇÃO DO PROFESSOR DE
ARTES**

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado para obtenção do grau de Licenciada no curso de Artes Visuais da Universidade do Extremo Sul Catarinense, UNESC.

Orientadora: Prof.^a Édina Regina Baumer

CRICIÚMA, 2018

ANA CLÁUDIA PINHEIRO MARQUES

**VIVÊNCIAS ARTÍSTICAS NA FORMAÇÃO DO PROFESSOR DE
ARTES**

Trabalho de Conclusão de Curso aprovado pela Banca Examinadora para obtenção do Grau de Licenciada, no Curso de Artes Visuais da Universidade do Extremo Sul Catarinense, UNESC, com Linha de Pesquisa em Educação e Arte.

Criciúma, 22 de Novembro de 2018.

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Édina Regina Baumer - (UNESC) - Orientador

Profa. Me. Izabel Cristina Marcilio Duarte - (UNESC)

Prof. Me. Sérgio Honorato - (UNESC)

Dedico aos meus pais que sempre estiveram ao meu lado, foi por eles todo o meu esforço e dedicação.

AGRADECIMENTOS

Sou muito grata por mais essa conquista em minha vida, sou grata por ter chegado até onde eu cheguei, sei que se hoje eu comemoro essa vitória foi porque tive quem me deu forças para ultrapassar todos os obstáculos ao longo desses quatro anos de graduação. A força maior que sempre me manteve firme vem de Deus e é para Ele todo o meu agradecimento, obrigada Senhor por ter feito se realizar na minha vida esse grande sonho de se formar. O que para mim há quatro anos parecia ser impossível, Ele fez possível.

Agradeço aos meus pais, Eliane e Paulo que sempre estiveram ao meu lado, que nos simples gestos do dia a dia demonstravam que eu podia contar com eles, eu sempre vou ser grata por tudo que fizeram por mim, todo o meu esforço foi por vocês. Obrigada por todas as vezes que você pai chegava cansado do serviço e mesmo assim deixava que eu tomasse banho primeiro para dar tempo de ir para a faculdade, obrigada por todos os sanduiches que vocês faziam as pressas para eu ir comendo no meio do caminho, obrigada por vocês acreditarem em mim. Meus pais sempre me incentivaram, sempre me fizeram acreditar que eu era capaz, me apoiaram e me ajudaram em cada etapa da graduação. Em cada trabalho meu tem um pedacinho de vocês, sempre de alguma forma contribuíram nas minhas produções, nas minhas ideias mais malucas eu sabia que podia contar com os dois. E é por esse motivo que dedico o meu diploma aos meus pais e me sinto no dever de dizer que vocês se formam junto comigo.

Devo muito também as minhas irmãs Ana Paula, Maria Helena e Mariana; que sempre estiveram me acompanhando, dando forças e me incentivando. Que nos momentos de muito estresse nos juntávamos para conversar e nos distrair. Eu sei que sempre torceram por mim, que acreditaram no meu potencial e que sonharam o mesmo sonho junto comigo. Graças a Deus eu fui abençoada com uma família maravilhosa, amorosa e unida.

Muitas pessoas passaram por minha vida ao longo desses anos e cada uma contribuiu de certa forma para que eu chegasse aonde eu cheguei, algumas foram só de passagem já outras chegaram para ficar. Amigos que considero como anjos que foram enviados por Deus para me guardar aqui na terra.

Quero agradecer a minha amiga/irmã Ester que vibrou comigo a cada

conquista, que esteve ao meu lado a todos os momentos sejam eles de alegria ou de angustia, nesses momentos de aflição sempre tinha uma palavra de conforto e incentivo. Muitas vezes ela me disse que se orgulhava de mim e essas palavras serviam como energia e me recarregavam me dando forças para que assim eu seguisse um pouco mais.

Durante a graduação fiz muitas amizades e entre elas destaco duas pessoas que tiveram papel fundamental na minha trajetória, minhas duas amigas Ana Paula e Eloise, dois grandes presentes de Deus. Elas se fizeram presentes em todos os momentos desde o início até o fim da graduação, nesses quatro anos compartilhamos uma com a outra as nossas conquistas, os nossos medos e também os nossos fracassos, mas nunca deixamos de estar juntas. Choramos, rimos, nos protegemos e foi nesse sentimento de proteção que nossa amizade se consolidou.

Um agradecimento em especial a Universidade por ter me recebido de braços abertos, ao curso de Artes Visuais Licenciatura por me proporcionar experiências que marcaram a minha formação, a todos os professores que me acompanharam durante todo o meu percurso e que serviram como inspiração. Agradeço a minha orientadora Édina por todo o apoio, sou grata por ela ter acreditado na minha pesquisa e por desde o começo ter agido com sinceridade me guiando para o caminho certo.

“Não poderia a vida de todos se transformar em uma obra de arte?”.

Michael Foucault

RESUMO

A referida pesquisa está situada na linha de pesquisa de Educação e Arte do curso de Artes Visuais – Licenciatura da UNESC e expõe como problemática investigar: Como os acadêmicos de Artes Visuais – licenciatura da 8º fase – se veem em relação à sua formação como professor/artista, e como se deu esse processo de reconhecimento? Trata-se de uma pesquisa de natureza básica, que utiliza a metodologia de a/r/tografia, de cunho qualitativo e o procedimento técnico se deu por meio de entrevista semiestruturada. O trabalho busca compreender como foi o processo de reconhecimento, como futuros professores/artistas, dos acadêmicos da 8º fase de Artes Visuais –Licenciatura UNESC. Discute as contribuições que o fazer artístico tem sobre a formação acadêmica dos professores de Artes, as experiências envolvendo as exposições artísticas e as relações entre teoria e prática. A entrevista individual com seis acadêmicos da 8º fase do curso de Artes Visuais – Licenciatura da UNESC, teve intuito de investigar se eles se reconhecem com potencial de professor/artista e entender de que forma aconteceu o processo de reconhecimento dos acadêmicos. Para fundamentar a análise dos dados, dialogo com alguns autores, dentre eles Buoro (2003), Fávero (2016), Vasconcelos (2007), Pinheiro (2017), Lampert e Nunes (2014), dentre outros. A pesquisa mostrou que a maioria dos acadêmicos se reconhece como futuros professores/artistas, entre eles um entrevistado declarou que seu processo de reconhecimento ainda está em formação. O contato com o fazer artístico contribuiu com o reconhecimento dos acadêmicos, para alguns esse contato já veem desde antes da graduação, sendo intensificado durante as disciplinas do curso de Artes Visuais – Licenciatura.

Palavras-chave: Professor/artista. Exposição. Experiência. Formação.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Imagem 1 – Produção intitulada ‘Transcender’: um encontro com meu ser mais íntimo.....	12
Imagem 2 – Produção intitulada ‘O silêncio dói’.....	13
Imagem 3 – Perfil gráfico das disciplinas.....	23
Imagem 4 – Ambiente da pesquisa.....	29
Imagem 5 – A vida é uma desconstrução.....	35
Imagem 6 – Alonga.mente.....	35
Imagem 7 – Estudo em aquarela.....	36
Imagem 8 – Livro objeto.....	36
Imagem 9 – Sem título.....	37
Imagem 10 – Cuidados crianças.....	38
Imagem 11 – Des/construir.....	40
Imagem 12 – (Re)construir.....	41

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

DCN – Diretrizes Curriculares Nacionais

LDB – Lei de Diretrizes e Bases da Educação

PCN – Parâmetros Curriculares Nacionais

PPC – Projeto Político Pedagógico

UNESC – Universidade do Extremo Sul Catarinense

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
2 A FORMAÇÃO DO PROFESSOR DE ARTE	18
3 A IMPORTANCIA DO PROFESSOR/ARTISTA NO ENSINO/APRENDIZAGEM .	25
4 ENTREVISTAS, ANÁLISES E IMAGENS	30
5 TUDO SOBRE A EXPOSIÇÃO FINAL	43
6 PROJETO DE CURSO.....	45
7 CONCLUSÃO.....	49
REFERÊNCIAS.....	50
APÊNDICES	54

1 INTRODUÇÃO

Assim que iniciei no curso de Artes Visuais – Licenciatura, minha visão do que era ser professor e artista, era totalmente diferente uma da outra. Eram duas coisas distintas, dois caminhos que seguiam juntos, mas que não se cruzavam. Não conseguia me ver como artista, pois ao longo na minha trajetória na escola a arte era resumida em desenho e pintura, técnicas que eu não dominava. Sobre isso Pimentel (2009) afirma que:

[...] É essencial que a experiência estética seja um componente importante em sua vida cotidiana. [...] Ao se lidar com arte, lida-se não somente com conhecimento específico, com sensibilidade e com emoção, com identidade e com subjetividade, mas também e certamente com o pensamento em outro nível que não é o comumente utilizado no dia a dia na escola (p.25).

Nesse sentido, recordo-me da 1º fase da graduação, onde iniciaram-se processos de desconstrução que faziam com que a minha visão sobre a Arte e sobre o que era ser artista se ressignificassem em cada reconhecimento que eu fazia e disciplina que se iniciava.

Acredito que a sala de aula permite que sejamos três seres diferentes, o ser professor/discente, o ser artista e o ser como pesquisador, partindo disso é possível que se abram muitos caminhos para o professor de arte e para que o mesmo encontre a sua própria linguagem de produção. Aqui, os protagonistas serão aqueles que em meio a educação e a apaixonante história que nos rodeia dentro da Licenciatura, decidiram encarar também outro caminho, o ser artista.

Nas primeiras fases eu falava que tinha caído de paraquedas na licenciatura, mas sabia que esse era o meu caminho e que iria me descobrir ao longo dele. E foi no decorrer dos meus estágios que me descobri apaixonada pela educação, a cada semestre que passava, me encontrava. Comecei a me ver professora de Artes.

A minha visão sobre a arte já tinha sido desconstruída, já percebia de outra maneira que ia muito mais além do desenho e da pintura, muito mais além das técnicas e das habilidades. Comecei a sentir a arte, comecei a ser provocada pela arte, ser conduzida pelo fazer arte. E foi nos ateliês da universidade que o mundo de produzir e fazer arte se abriram para mim, as experiências que tive dentro dos ateliês me instigavam a pensar esse ser professor artista.

Ao longo das disciplinas foram surgindo propostas de produções artísticas, eu ainda não considerava os meus trabalhos como arte, via como um exercício de experimentação para o professor. Esse meu pensamento começou ser mudado na 4ª fase quando fiz uma das minhas primeiras produções na aula de Pintura e Pesquisa, uma proposta de pintura em campo expandido.

A produção intitulada 'Transcender: um encontro com meu ser mais íntimo, discute a questão do 'EU', de como eu me vejo e de como sou vista pelos olhos das outras pessoas. Em formato de retratos, me expressei com o auxílio da tinta neon buscando representar na pintura corporal o meu ser mais íntimo. O neon e a luz negra destacavam aquilo que queria que fosse visto e camuflavam o que eu não queria que conhecessem sobre mim. É uma sequência de fotos na tentativa de me conhecer e reconhecer.

Imagem 1 – Transcender



Fonte: Acervo pessoal da pesquisadora

Essa produção abriu o meu olhar e consegui me ver como uma professora artista percebendo que também produz arte, foi nesse momento que o caminho do professor e do artista se juntaram, a partir daquele momento segui em um caminho só, o do professor/artista. Produzir arte começou a ser mais frequente na minha trajetória, o saber e o fazer começaram a fazer mais sentido na minha formação.

Com o meu pensamento formado sobre a importância do conhecimento teórico e da experiência em arte caminharem juntos, surgiu a segunda produção. Na 5ª fase tive a minha primeira experiência no estágio obrigatório, trabalhei a cultura indígena com o ensino fundamental I. E neste mesmo período na disciplina de

Escultura e Pesquisa foi feita a proposta de um trabalho de Escultura na Cabeça, levei para a minha produção as discussões levantadas no meu estágio I. A fotografia intitulada: 'O silêncio dói', representa uma indígena com sua boca costurada, uma crítica ao que vem acontecendo com os indígenas brasileiros, que cada vez mais perdem sua voz para a sociedade que se nega a ver e ouvir.

Imagem 2 – O silêncio dói



Fonte: Acervo pessoal da pesquisadora

Essa disciplina foi o ponto de partida para que eu me descobrisse artista, parasse para reparar ao meu redor, assim cada vez mais fui me identificando com os professores que também são artistas, dialogando com seus discursos sobre a importância daqueles que tiveram voz para se reconhecer artista enquanto professores apaixonados pela educação.

Temos muitos professores dentro da universidade que produzem arte e que levam suas produções para sala de aula. Ao longo da graduação tive a oportunidade de conhecer alguns deles e foram professores como Alan Figueiredo Cichela, Angélica Neumaier, Izabel Cristina Marcilio Duarte, Odete Angelina Calderan, Sérgio Honorato que me mostraram com suas aulas que eu poderia seguir no mesmo caminho do professor e do artista sem ter que fazer apenas uma escolha.

Comecei a reparar nos meus colegas e nos tantos outros acadêmicos de licenciatura que vivem e que produzem Arte, a importância de que esse discurso não se cale dentro da educação e da própria universidade, já que muitos acadêmicos da licenciatura não se sentem seguros o suficiente para que sejam expostas suas produções. Mas mesmo compreendendo a importância do professor ter a experiência da produção artística para levar para dentro da sala de aula, sentia que quando se tratava de um professor a sua produção não era considerada tanto quanto a de um artista. Senti a dificuldade que existe em querer fazer uma exposição com trabalhos de professores/artistas. Fávero (2007) fala do professor/artista como um proponente e portador de uma necessidade de conhecer algo, "que não deixa de ser conhecimento de si mesmo, cujo alcance está na consonância do coração com o intelecto. Um corpo criador / um corpo professor, no mesmo corpo." (p. 2).

O fato é que esse fazer artístico a que me refiro, requer uma grande abertura e possíveis acertos e erros, e essa experiência contínua com processos de criação trazem possibilidades a cada acadêmico de licenciatura – e artista – em muitas situações, encontrar caminhos mais adequados para os exercícios com os alunos, partindo de vivências e experimentações significativas dentro da sua formação. Em quatro anos de graduação participamos apenas de duas exposições: uma de gravura proposta pela professora da disciplina, no início da graduação e a outra, em conjunto com o curso de bacharelado, no último semestre da graduação: a 'Escultura na cabeça'.

Confesso que na primeira exposição ainda não entendia muito bem do que se tratava uma exposição e o quanto é importante e enriquecedor para a formação acadêmica, com o decorrer dos anos comecei a visitar mais exposições tanto fora da universidade, por exemplo, a 10° Bienal do Mercosul em 2015, 32° Bienal de São Paulo em 2016, como do curso de bacharelado dentro da universidade. E foi a partir dessas vivências que pude perceber o quanto a experiência de expor agregava na formação não só acadêmica, mas também pessoal. Comecei a notar que a cada exposição eles se mostravam mais seguros e convincentes das suas capacidades de produzir arte. Essa percepção me fez querer cada vez mais ocupar também esses espaços dentro da universidade, na segunda exposição eu já me sentia mais segura e preparada para expor.

Expor com o curso de bacharelado em Artes Visuais foi uma experiência transformadora, ocupamos o mesmo lugar sem distinção entre os cursos e tivemos a oportunidade de mostrar que a licenciatura tem tanto potencial artístico quanto o bacharelado. Mas mesmo com as exposições em conjunto sentia a necessidade de ter a experiência de uma exposição somente da licenciatura. E partiu dessa inquietação – não só minha como de outros acadêmicos – o problema de pesquisa: **Como os acadêmicos de Artes Visuais – licenciatura da 8º fase – se veem em relação à sua formação como professor/artista, e como se deu esse processo de reconhecimento?**

Busco com essa pesquisa dar voz aos acadêmicos de licenciatura e investigar como foi tratada a questão do professor/artista durante a sua formação; para isso elaborei uma entrevista com seis acadêmicos, que foi realizada ao mesmo tempo em que preparamos uma exposição com a produção final de 15 acadêmicos da 8º fase. A ideia da exposição surgiu em uma roda de conversa informal entre alguns acadêmicos de Licenciatura em 2018 – 1. A vontade de realizá-la foi crescendo cada vez mais a partir daquela conversa. Vimos a oportunidade de realizá-la no último semestre de nossa graduação, mesmo que não tenha sido vinculada com o curso, pois todo o processo da exposição foi elaborada e executada pelos acadêmicos, sentimos como se fosse uma exposição de conclusão de curso parecida com a que Bacharelado em Artes Visuais realiza juntamente com o TCC.

Todos os acadêmicos da 8º fase de Licenciatura em Artes Visuais foram convidados a expor, mas pelo fato de que foi uma exposição particular não era obrigado que todos participassem, deixando livre para participar quem se identificasse com a proposta da exposição. Tivemos 15 acadêmicos inscritos para participar da exposição, mas para essa pesquisa foram convidados apenas 6 acadêmicos por motivos de tempo de análise.

Como os acadêmicos de Artes Visuais – Licenciatura veem a importância do professor se reconhecer como artista e produzir Arte? A questão do professor artista vem sendo pensada dentro a universidade? Como está sendo a formação dos professores que produzem na universidade, estão sendo reconhecidos e provocados a fazer Arte? Quais os sentimentos que emergem nos acadêmicos com a realização desta exposição final? Em que momento o acadêmico se dá conta de que sua produção tem valor? Como se deu esse processo de

reconhecimento do fazer artístico não só a serviço da educação dentro da sala de aula, mas bem como para a sua vivência e produções pessoais?

Partindo destas perguntas norteadoras inicio a minha pesquisa dentro do campus universitário, uma investigação na formação do professor/artista no curso de Artes Visuais – Licenciatura. Para realizar esta pesquisa sigo a linha de pesquisa de Educação e Arte:

Princípios teóricos e metodológicos sobre educação e arte. A formação de professores. As artes visuais e suas relações com as demais linguagens artísticas. Estudos sobre estética, culturas e suas implicações com a arte e a educação¹.

A pesquisa tem como objetivo principal analisar como os acadêmicos de Artes Visuais – licenciatura da 8º fase – se veem em relação à sua formação como professor artista e como se deu esse processo de reconhecimento. E como objetivos específicos, pretendo pesquisar a formação do professor de Artes, investigar como o acadêmico de Artes Visuais - licenciatura se sente em relação a sua formação como professor, compreender quais as contribuições que o professor/artista pode levar para sala de aula e analisar quais as contribuições da Universidade na formação do professor/artista.

Pensando na metodologia desta pesquisa me deparei com o método da *a/r/tografia* que me chamou atenção por ser uma forma de pesquisa que se sustenta nas práticas de professores e artistas, uma relação com a arte e a vida, onde o pesquisador expõe sua identidade. Consegui enxergar a minha pesquisa dentro dos pressupostos dessa metodologia e logo percebi que não poderia ser outra a não ser a *a/r/tografia*.

A/r/tografia, como apresenta adiante, enfatiza as identidades do artista, do pesquisador e do professor. Assim, a pesquisa está profundamente enraizada na noção de *A/r/tografia*, visto que pesquisa cria e reinventa para abraçar a investigação como uma forma de Pesquisa Viva. Investigação entendida na *A/r/tografia* como uma investigação “*inquiryLaden*”, uma forma poética conceitual de dizer que a investigação permeia todo o processo, ela transpira, é viva. (DIAS; IRWIN, 2013, p.15).

A *a/r/tografia* possibilita que o pesquisador use a sua criatividade na sua pesquisa, podendo assim fazer junções de imagens e textos. De acordo com Irwin “A teoria como *a/r/t* é de uma só vez textual e visual, e “*a/r/tografia* como mestiçagem é visual e interlingual.” Diferentes textos, imagens e linguagens se

¹ Dados disponíveis em: http://www.unesc.net/portal/resources/files/42/normas_tcc_licenciatura.pdf Acesso em: 05 maio 2018.

fundem, se roupem e se fundem de novo, em um ato contínuo.” (p.129). E é dessa forma que conduzo a minha pesquisa me apropriando das linguagens, fazendo uso tanto do textual quanto do visual.

Para que eu pudesse alcançar os objetivos desta pesquisa, promovi um encontro individual com os acadêmicos da 8° fase de Artes Visuais – Licenciatura. Nesses encontros preparei um ambiente confortável e acolhedor para que eles se sentissem a vontade. Iniciei uma conversa em forma de entrevista semiestruturada, desviando assim do método tradicional de pergunta e resposta, abrindo espaços para novas questões que podem surgir ao decorrer da conversa. A entrevista foi filmada com o intuito de capturar as expressões, sentimentos e/ou emoções que os acadêmicos poderiam vir a sentir no momento da conversa, os dados coletados foram analisados posteriormente com o auxílio das filmagens.

2 A FORMAÇÃO DO PROFESSOR DE ARTE

Apesar de serem feitos muitos estudos sobre a importância do ensino da Arte na formação do ser humano, muitas vezes esse ensino acaba sendo considerado menos importante que outras áreas de conhecimento, como por exemplo, a alfabetização nas séries iniciais. Os primeiros anos na escola são voltados praticamente todo para o desenvolvimento da escrita, assim na maioria dos casos o ensino da arte é encarado como uma distração. Para Buoro (2003, p.36) “também os pais colocam o trabalho de Artes Plásticas na escola em segundo plano, pois sentem-se ansiosos com a alfabetização dos filhos e não sabem muito bem a finalidade das aulas de Artes”.

A fala de Buoro (2003) me fez lembrar quando eu estava nas séries iniciais, pelo fato de que meus pais não tiveram a oportunidade de estudar e minha mãe não ter sido alfabetizada, eles frisavam muito não só a minha alfabetização como anteriormente a das minhas irmãs. Para eles a disciplina de Arte não era importante tanto quanto as outras, mas sim uma ‘bobiça’ como muitas vezes eu escutei meus pais comentarem. Atualmente a situação está diferente como mostra Campos (2002, p. 59):

[...] o ensino da arte vem, há muito, sendo ministrado por quem não o conhece e que desenvolve uma prática não vivenciada, pois não as vivenciou nem como aluno nem como professor. Hoje, novas necessidades foram criadas por leis e documentos oficiais e, diante deste contexto, os professores têm buscado frequentemente cursos de formação.

Ressalto aqui a importância do professor de Arte ter formação na sua área, para que ele possa defender as práticas artísticas quando questionado da sua importância; além de ter domínio sobre os assuntos estudados, ter a vivência e a experiência em arte para compartilhá-la com aos alunos ao ponto de envolver não só o espaço escolar, mas também a comunidade. Acredito que assim esse pensamento distorcido a respeito do ensino da Arte pode e vem sendo desconstruído aos poucos pelos professores de Arte, da mesma forma como ao longo da minha graduação consegui contribuir para que meus pais hoje enxergassem a arte de outra maneira e a importância do seu ensino.

Iavelberg (2003) discute o papel do professor de Arte e umas das frases dela que me marcou é quando diz que “é necessário que o professor seja um

“estudante” fascinado por arte, pois só assim terá entusiasmo para ensinar e transmitir a seus alunos a vontade de aprender” (p.12). Quando me deparei com essa frase, tirei um tempo para refletir sobre ela, cheguei a conclusão que quando falamos sobre algo que amamos, conseguimos transparecer o que sentimos e de certa forma desperta interesse sobre o assunto na outra pessoa. Falando de arte, um professor que consegue passar aos seus alunos o fascínio que ele sente ao estudar/pesquisar/fazer arte, tem muito mais chance de despertar esse mesmo fascínio pela arte em seus alunos, tornando-se assim contagiante.

Como diz Buoro “a vida adquire sentido para o ser humano à medida que ele organiza o mundo” (2003, p.19) e fala da Arte como uma forma de organização desse mundo “como modo de transformar a experiência vivida em objeto de conhecimento que se desvela por meio de sentimentos, percepções e imaginação.” (BUORO, 2003, p.19).

Portanto, entendemos Arte como produto do embate homem/mundo, consideramos que ela é vida e, por meio dela, o homem interpreta sua própria natureza, construindo formas ao mesmo tempo em que (se) descobre, inventa, figura e conhece. (BUORO, 2003, p. 25)

Cabe ao professor de Arte promover espaços onde os alunos possam fazer relações entre a arte e o seu cotidiano, trabalhando o senso crítico do educando e desenvolvendo o seu pensamento artístico. Deste modo, a arte amplia o olhar do aluno em relação ao que acontece ao seu redor, tornando-os capazes de compreender a sua realidade cotidiana. Segundo o PCN de Arte:

O conhecimento da arte abre perspectivas para que o aluno tenha uma compreensão do mundo na qual a dimensão poética esteja presente: a arte ensina que é possível transformar continuamente a existência, que é preciso mudar referências a cada momento, ser flexível. Isso quer dizer que criar e conhecer são indissociáveis e a flexibilidade é condição fundamental para aprender (BRASIL, 1997, p. 19).

Nas últimas décadas aumentou-se a preocupação em relação à formação do professor, preocupações essas que mobilizaram a iniciativa de estudos, pesquisas e a efetivação de políticas educacionais que visam a melhoria da educação básica. Foi estabelecida a partir da LDB n. 9.394/96, no inciso VII do artigo 9º, que a União determinasse as normas gerais para os cursos de graduação (BRASIL, 1996), logo, partindo da lei foram organizadas as Diretrizes Curriculares Nacionais (2015) para a Formação de Professores da Educação Básica.

Para entendermos melhor, esse documento reúne orientações que se aplicam para a formação de professores no exercício da docência, como docência a DCN entende como “ação educativa e como processo pedagógico intencional e metódico” (BRASIL, 2015, p.03).

§ 3º A formação docente inicial e continuada para a educação básica constitui processo dinâmico e complexo, direcionado à melhoria permanente da qualidade social da educação e à valorização profissional, devendo ser assumida em regime de colaboração pelos entes federados nos respectivos sistemas de ensino e desenvolvida pelas instituições de educação credenciadas. (BRASIL, 2015, p.04).

Antes desse documento foram elaboradas outras diretrizes, entre elas, as DCN específicas para os diversos cursos de graduação. Pelo parecer CNE/CES 280/2007, foram formuladas as DCN para a Graduação em Artes Visuais, sendo aprovado dois anos depois pela resolução nº 1/2009. (BRASIL, 2009).

De acordo com o que prevê o Art.2º:

Art. 2º A organização do curso de que trata esta Resolução e o Parecer indicado no artigo precedente se expressa através de seu projeto pedagógico, abrangendo o perfil do formando, as competências e habilidades, os componentes curriculares, o trabalho de curso, o projeto de iniciação científica, o estágio curricular supervisionado, as atividades complementares, o sistema de avaliação, além do regime acadêmico de oferta e de outros aspectos relevantes. (BRASIL, 2009, p.01).

Logo em seguida estabelece no Art. 3º, as orientações para a motivação do perfil do formando, onde o curso de graduação em Artes Visuais deve:

[...] ensinar, como perfil do formando, capacitação para a produção, a pesquisa, a crítica e o ensino das Artes Visuais, visando ao desenvolvimento da percepção, da reflexão e do potencial criativo, dentro da especificidade do pensamento visual, de modo a privilegiar a apropriação do pensamento reflexivo, da sensibilidade artística, da utilização de técnicas e procedimentos tradicionais e experimentais e da sensibilidade estética através do conhecimento de estilos, tendências, obras e outras criações visuais, revelando habilidades e aptidões indispensáveis à atuação profissional na sociedade, nas dimensões artísticas, culturais, sociais, científicas e tecnológicas, inerentes à área das Artes Visuais. (BRASIL, 2009, p.01-02).

Como previsto no Art.4º desse mesmo documento, os cursos de graduação em Artes Visuais devem possibilitar aos graduandos uma formação que revele algumas competências e habilidades, para que assim possam interagir demonstrando sensibilidade nas manifestações culturais da sociedade a qual estão inseridos, de forma que possam atuar significativamente. Os acadêmicos devem ser instigados a desenvolver pesquisa científicas e tecnológicas em Artes Visuais, com a pretensão de uma criação artística. O curso deve estimular também além da criação

visual a divulgação, com o objetivo de manifestar o potencial artístico e aprimorar a sensibilidade estética do graduando.

Em seguida em paragrafo único prevê que para a graduação em Licenciatura devem ser acrescentadas as competências e habilidades definidas nas Diretrizes Curriculares Nacionais referentes à Formação de Professores para a Educação Básica. (BRASIL, 2009)

Baumer (2012) em seu artigo “Orientações das Diretrizes Curriculares Nacionais para a atuação do professor de arte” investiga as diretrizes curriculares nacionais para os cursos de graduação em Artes visuais, Música, Dança e Teatro. Ela aponta que, em ambas as DCN o direcionamento é para os cursos de bacharelado e constata que não é falado especificamente do professor de arte, “pode-se concluir que esses documentos norteadores da educação superior estão escritos de forma a priorizar a habilitação bacharelado.” (2012, p.5). Deixa clara a fragmentação que as DCN tem em relação as licenciaturas, quando indica outro documento para servir como norteador para os cursos de licenciatura.

Na maioria das Diretrizes Curriculares específicas (...) não há distinção significativa entre os cursos de Bacharelado e de Licenciatura; há, portanto, um sobreposição expressivo da identidade da Licenciatura, ainda percebida como um apêndice à formação dos bacharéis, estes sim considerados como aqueles que realmente necessitam alcançar um alto nível de conhecimentos específicos na área. (BORDAS, 2009, p.3)

Direcionando para a graduação em Artes Visuais, sinto que o documento contempla questões que dizem respeito às áreas da arte, mas que fica em falta em relação à educação. Nota-se que não é demonstrado preocupação com o modo de ensinar, deixando os professores sem apoio na parte pedagógica, no entanto, segundo Penna é indispensável, “uma perspectiva pedagógica que o prepare para compreender a especificidade de cada contexto educativo e lhe dê recursos para a sua atuação docente e para a construção de alternativas pedagógicas.” (2007, p. 53).

Outro ponto importante para observar é a autonomia que as Diretrizes Curriculares Nacionais oferecem as instituições de graduação, dando-lhes liberdade para a elaboração de um projeto pedagógico, definindo assim os currículos plenos de cada curso observando as necessidades locais e regionais.

Parágrafo único. Os conteúdos curriculares devem considerar o fenômeno visual a partir de seus processos de instauração, transmissão e recepção, aliando a práxis à reflexão crítico-conceitual e admitindo-se diferentes aspectos: históricos, educacionais, sociológicos, psicológicos, filosóficos e

tecnológicos. (BRASIL, 2009, p.2).

Sendo assim, acho válido observar o que diz o Projeto Pedagógico do Curso (PPC) de Artes Visuais – Licenciatura da UNESC. O curso tem como objetivo geral “formar profissionais para o ensino, fomentando a produção, a pesquisa e a crítica em Artes Visuais” (UNESC, 2016, p.34) e traz como objetivos específicos:

Desenvolver competências e habilidades para planejar e produzir criativamente, articulando ensino, produção artística, pesquisa, extensão e desenvolvimento de projetos culturais; Atuar em instituições educacionais formais e não formais, conduzindo o processo de ensino aprendizagem nos contextos e relações que envolvem a arte na contemporaneidade; Estabelecer diálogos entre a arte e a educação assumindo a função de agente multiplicador e de autoria nas ações de intervenção social que contemplem a arte; Agir com autoria e autonomia para o contínuo desenvolvimento de seu conhecimento e habilidades específicas nas linguagens artístico-culturais em especial nas artes visuais; Inserir-se no circuito artístico e cultural como artista / professor em formação, demonstrando sensibilidade e excelência na criação, difusão e recepção do fenômeno visual. (UNESC, 2016, p.34).

O PPC fala do perfil do egresso licenciado, que “apresentará competência para desenvolver o pensamento visual criativo a fim de atuar no amplo campo educacional e cultural que é envolvido pelas linguagens artístico-culturais e, em especial, as artes visuais”. Sendo assim, estará apto a atuar nos espaços formais e não formais de educação, produzindo e intermediando conhecimentos do campo do ensino da arte.

A matriz é organizada com base na DCN (2009) para cursos de graduação em Artes Visuais, uma matriz curricular diversificada e atualizada, o que contribui para a formação do perfil do egresso licenciado. (UNESC, 2016, p.35). O Art 13 § 3º da DCN de 2015, refere-se à construção do currículo dos cursos de formação que “deverá ser garantida, ao longo do processo, efetiva e concomitante relação entre teoria e prática, ambas fornecendo elementos básicos para o desenvolvimento dos conhecimentos e habilidades necessários à docência”. (BRASIL, 2015 p. 11).

A matriz 4 do curso de Artes Visuais – Licenciatura da UNESC, é organizada ao longo dos semestres e composta por quatro núcleos de conhecimentos. Como podemos ver na figura 3, as disciplinas que referem-se à História da Arte são agrupadas no núcleo Teoria da Arte, as disciplinas relacionadas às linguagens da Arte abrangem o núcleo Linguagens, já as disciplinas de

desenvolvimento docente agrupam-se no núcleo Saberes Docente e por ultimo o núcleo Comum que abrange disciplinas que são comuns em diversos cursos da instituição. Temos ainda na matriz as disciplinas optativas, onde o aluno pode escolher conforme as suas áreas de interesse podendo ser disciplinas de qualquer curso ou instituição, desde que contemple a sua formação como professor de Arte. (UNESC, 2016).

Imagem 3 – Perfil gráfico



(Fonte: PPC, 2016, p 50)

Como podemos observar na figura 3 os núcleos de conhecimentos estão interligados por setas, que representam o fluxo de relações entre teoria e prática que o curso pode desenvolver, como diz no PPC “a matriz curricular proposta abarca possibilidades viáveis para a construção do conhecimento do licenciado, propiciando vivências em arte, momentos de pesquisa em educação e arte e de práticas pedagógicas em espaços formais e não formais de educação”. (UNESC, 2016, p. 36). Sendo assim, podemos compreender que as vivências artísticas, bem como as

pesquisas em artes e as práticas pedagógicas contribuem para a formação do conhecimento dos licenciandos em Artes Visuais.

3 A IMPORTANCIA DO PROFESSOR/ARTISTA NO ENSINO/APRENDIZAGEM

Cada vez mais se discute sobre o papel do professor de Artes e de que forma esse professor pode trabalhar para que suas aulas se tornem ainda mais significativas para seus alunos. Essas discussões estão muito presentes dentro da universidade, percebo entre os acadêmicos de Artes essa preocupação em se tornarem além de bons professores, professores que façam a diferença para seus alunos. Dar uma boa aula vai além de conhecer os conteúdos, é importante que o professor tenha domínio sobre o assunto como também tenha já experimentado e vivenciado o que está ensinando.

O professor precisa entender, compreender e saber para poder ensinar Arte, assim como o professor precisa produzir praticamente. Sim, eu sou a favor de que o professor produza sua arte (pintando, gravando, esculpindo, fotografando, ou seja o que for). A experiência precisa transitar pela vivência e pelo conhecer o que se faz. Neste caso, conhecer significa experimentar pra então produzir sentido e ensinar. (LAMPERT, 2015, p.106).

Um professor que costuma realizar produções artísticas constrói um repertório de experiências que o auxiliará nas relações entre teoria e prática. Concordo com Lampert quando diz que “O professor precisa compreender que ele somente ensina o que ele sabe e que é necessário ter uma experiência em Arte e sobre Arte” (2015, p.116).

É importante que as relações entre o saber e o fazer artístico estejam presentes nas práticas pedagógicas dos professores de Artes. Campos complementa dizendo que “as vivências somadas às experiências profissionais permitem no exercício da ação-reflexão-reação, melhor compreender o sentido do fazer pedagógico” (2002, p. 36).

Na tentativa de melhor explicar o termo artista-docente, trago para o texto o que compreende a pesquisadora e dançarina Marques. Segundo seus estudos, ela diz que:

O artista-docente é aquele que, não abandona suas possibilidades de criar, interpretar, dirigir, tem também como função e busca explicita a educação em seu sentido mais amplo. Ou seja, abre-se a possibilidades de que processos de criação artísticas possam ser revistos e repensados como processos também explicitamente educacionais (MARQUES, 2011, p. 121).

Durante a pesquisa encontrei diferentes nomenclaturas e termos usados pelos autores para se referirem aos professores/artistas que variam entre *artista-*

docente, professor-artista, artista-professor etc. O que me chama a atenção é a separação entre as palavras com o hífen, sendo que estão se referindo há uma única pessoa que é professor de Artes, mas que também é um artista. Na minha concepção a separação com o hífen da impressão de que não é a mesma pessoa, como se de um lado ficasse o professor de outro o artista. Por esse motivo quando me referir ao professor/artista utilizarei a barra ao invés do hífen. Sinto-me mais confortável com a utilização da barra, pois não vejo como uma separação entre os termos, mas sim como uma forma de uni-los.

O termo artista/professor foi usado inicialmente por George Wallis, em meados do século dezenove, e vem sendo construído desde então, um retrato pedagógico da identidade associado ao termo. Uma rede de empreendimentos foi desenvolvida para entender o processo de pensamento que discute o artista/professor, que é um processo conceitual de aplicar um modo artístico e estético de pensar o ensino. (LAMPERT; NUNES, 2014, p.103)

Gosto de pensar nessa união entre *o ser professor de Artes e o ser artista*, sem precisar separá-los ou escolher entre um dos dois, pois para mim sou a junção desses dois papéis. Nas minhas vivências sinto o meu lado artístico contribuindo para a minha docência, da mesma forma que o meu lado docente contribui e acaba até mesmo influenciando o meu lado artístico.

Essa relação entre ensino e produção artística deriva da necessidade de se coadunarem as duas formas de trabalho. A relação entre ensino e produção de arte ocorre, em primeiro lugar, nas trocas que acontecem entre uma atividade e outra. Muitas vezes, as questões, as pesquisas, a temática, os materiais e os procedimentos que os artistas-professores desenvolvem em seu trabalho pessoal são levados para a sala de aula. (ALMEIDA, 2009, p. 82)

Deste modo, “ser artista ou professor não é estar numa encruzilhada e ter que andar em uma só direção, é uma via de mão dupla ou múltipla como diz, Ricardo Basbaum, em “Um artista etc” (Basbaum apud Pinheiro, 2017, p.152)”. Para explicar o significado do termo “artista etc” Pinheiro traz como referência Basbaum, que nos esclarece dizendo:

[...] o artista quando é artista em tempo integral pode ser chamado de “artista-artista”, no entanto, quando o artista questiona sobre a natureza e função do seu papel podemos chamá-lo de artista etc. Quando isso acontece, o artista acaba transitando por outras instâncias do sistema de arte incorporando outros papéis e outras funções. (BASBAUM apud PINHEIRO, 2017, p.152).

Pinheiro conclui dizendo que “desta forma poderei ser, como diz Basbaum, um artista-etc., uma professora artista (2017, p.152)”. Uma

professora/artista que transita entre a docência e o fazer artístico e que relaciona esses dois papéis incorporando-os e complementando-os. Vasconcelos (2007) também discute sobre o artista-etc, mas por ter interesse no ensino da arte discorre sobre artista/professor.

Focamos o artista-etc na função de artista-professor, acreditando que este possa desenvolver processos e métodos didáticos-pedagógicos como estratégia artística para o ensino da arte, sendo a “aula” um sistema-poético-educacional ou uma aula-obra de arte. Esta consideração é importante porque problematiza o fazer artístico assim como a grande área do ensino e da educação. Além disso, Basbaum comenta que “(...) esta condição [do artista-etc] atualiza as relações entre arte e vida abrindo outros caminhos para o curioso, o singular, para misturar casuais e ideias”. Não se pretende aqui criticar o papel do professor-professor, mas sim apontar para outras possibilidades, tanto para a arte como para o ensino (VASCONCELOS, 2007, p. 792).

Posso dizer então que sou uma professora/etc em formação, que venho ao longo da minha graduação questionando o meu papel e buscando transitar por entre os caminhos da arte. Esse movimento de transitar por entre os caminhos foi fundamental para a minha formação como professora/artista, a minha intenção sempre foi buscar a melhor forma de lecionar e para mim a melhor forma é vivenciar a arte para então poder falar e ensinar sobre ela.

Como citado acima por Vasconcelos, não estou aqui para dizer como o professor de Artes deve ou não atuar na sala de aula, mas discutindo possibilidades de caminhos pelos quais os professores podem percorrer. Assim não necessariamente o professor de Artes precisa ser um artista atuante, mas apontando para a importância de que esteja envolvido de alguma maneira no fazer artístico.

O meu intuito não é criticar o ‘professor/professor’ como diz Vasconcelos, visto que cada professor sabe e percorre o caminho que melhor lhe convém, para mim esse caminho se fez junto com o do artista, mas isso não é regra, é uma possibilidade, possibilidades essa que deve estar mais clara dentro das universidades, mais visíveis aos olhos dos acadêmicos. Nós enquanto discentes, e aqui me refiro a todos os licenciandos de Artes, precisamos discutir essas questões do *ser professor* e a universidade deve ver a importância dessas discussões, uma vez que um dos seus papéis é de formar cidadãos críticos e autônomos.

Evidenciamos aqui a importância das disciplinas para além das com cunho pedagógico oferecidas nos cursos de Artes Visuais Licenciatura, proporcionando ao estudante experimentações nos atelies com práticas artísticas,

como a disciplina de Linguagem Musical e Educação, Linguagem Teatral e Educação, Linguagem do Cinema e Educação, Performance e Intervenção, Serigrafia e Pesquisa, Escultura e Pesquisa, Gravura e Pesquisa, Pintura e Pesquisa, Fotografia e Pesquisa, Composição, Desenho contemporâneo e Cerâmica e Pesquisa; de modo que encontrem um eixo entre a teoria e a prática e foi na disciplinas de Escultura e Pesquisa, no atelier, que pude me encontrar e estabelecer um eixo entre o papel do professor e o do artista. Assim o *ser professor* e o *ser artista* podem caminhar juntos e um auxilia na formação do outro, já que partilham de um mesmo corpo.

Favero (2006, p.2) nos fala desse corpo compartilhado: “O artista-professor como um propositor de necessidade de conhecer algo, que não deixa de ser conhecimento de si mesmo, cujo alcance está na consonância do coração com o intelecto. Um corpo criador / um corpo professor, no mesmo corpo”.

Acredito que o papel do professor é muito forte dentro da sala de aula e que acaba tornando-se muitas vezes referência para seus alunos, seguindo esse pensamento se o professor tiver envolvimento com o fazer artístico poderá passar ao aluno uma referência de artista. Foucault (1994, p.617) posiciona-se dizendo que “[...] o que me surpreende é que em nossa sociedade a arte esteja relacionada apenas aos objetos e nunca aos indivíduos e à vida; e, também que a arte esteja num domínio especializado, o dos experts que são artistas”. O professor/artista tem a abertura de desconstruir a visão em volta dessa arte inacessível, em que só os artistas podem produzir arte e que se tornar um artista está muito longe de nossa realidade.

Por esse motivo compartilho da mesma opinião que Richter (2015) quando discorda do arte-educador Lanier (1995) quando ele diz que deveria ter duas credenciais e preparação diferentes para os professores de Artes, os professores de arte “geral” com aprofundamento na história da arte, crítica de arte e sociologia da arte, para esses professores não seria desejável que fossem artistas; e os professores de arte de atelier com profundo interesse em fazer arte e ensinar a fazer arte (2015, p.45-46).

Richter (2015, p. 48) posiciona-se a opinião de Lanier (1995) dizendo que “é indispensável que o fazer arte e o refletir sobre esse fazer, através do conhecimento da arte produzida pela humanidade, devem ser conduzidos não só paralelamente, como de maneira coerente por um mesmo professor”. A autora

conclui falando sobre a formação do professor:

[...] torna-se cada vez mais evidente que a formação do professor deve ser múltipla, e que será somente através de seu conhecimento e domínio das diferentes teorias do ensino das Artes Visuais que ele estará apto a bem desempenhar seu papel de agente cultural de mudança, bem como de propiciar ao nosso estudante toda a corrente de opção sobre a aprendizagem em artes que permitirão que eles se tornem o ser criativo, crítico e culturalmente atuante que todos desejamos. (RICHTER, 2015, p.48).

A pesquisadora em dança Marques (2001, p. 58) levanta uma questão bem pertinente, que me fez pensar sobre a minha visão do papel do professor de Artes no início da graduação, ao comentar que “para aqueles que possuem formação específica na área de Educação, fica clara a ideia de que o papel do professor de arte abarca um tipo de consciência distinta da do artista”. A pesquisadora ainda questiona essa ação de diferenciar as funções pedagógicas das artísticas “[...] não estaríamos também correndo o risco de novamente incidir no antigo preconceito do ‘quem sabe faz, quem não sabe ensina?’” (MARQUES, 2001, p.58).

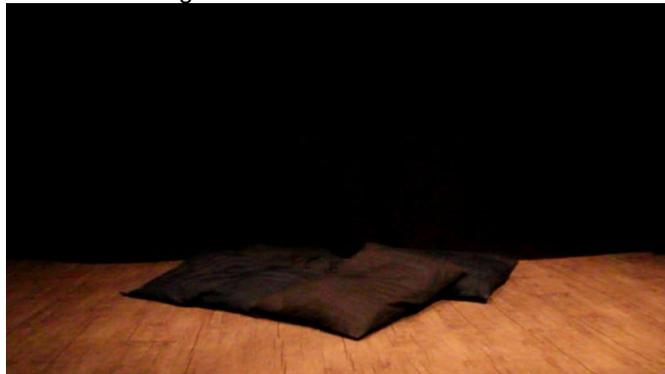
Por decorrer desse preconceito acabamos criando um afastamento entre funções pedagógicas e artísticas e atribuindo uma desvalorização para a docência. Sinto que ainda há muito preconceito em relação ao professor de Artes, é uma luta diária, uma luta por amor a docência. Escolhemos ensinar, caminhar por entre as possibilidades da arte é uma escolha.

4 ENTREVISTAS, ANÁLISES E IMAGENS: A VOZ DO PROFESSOR EM FORMAÇÃO

Volto-me agora para as análises das entrevistas realizadas com 6 acadêmicos inscritos para participar da exposição Vivências Artísticas na Formação Docente. Para que as entrevistas fossem melhor analisadas, foi definida uma quantidade menor de entrevistados. Por esse motivo não foram realizadas entrevistas com todos os participantes da exposição, mas estendido o convite entre eles para que participasse quem se sentisse mais a vontade.

As entrevistas foram marcadas individualmente e foram realizadas na sala de Teatro, no bloco Z, sala 12, da UNESC. A escolha do local foi para que os entrevistados se sentissem mais aconchegados e familiarizados com o ambiente, sendo que é uma sala em que tivemos muitas vivências artísticas. Procurei deixá-los o mais a vontade possível, já que as entrevistas seriam gravadas, coloquei almofadas no chão e deixei somente as luzes do palco acesas.

Imagem 4 – Ambiente da entrevista:



Fonte: acervo pessoal

Para responder o problema de pesquisa e entender como os acadêmicos de Artes Visuais – licenciatura da 8ª fase – se veem em relação à sua formação como professor/artista, e como se deu esse processo de reconhecimento, foram elaboradas 6 perguntas que nortearam as entrevistas: Para você é importante que o professor de Artes tenha a experiência com o fazer artístico? Você já expôs? Se sim, quantas vezes? Como foi a experiência de expor? Na sua visão, participar de uma exposição de artes pode contribuir com a formação acadêmica de um professor de Artes? Se sim, de que forma? Você se reconhece como potencial de

professor/artista? Em caso afirmativo, como se deu o seu processo de reconhecimento? Você considera que o Curso de Artes Visuais da UNESC lhe possibilitou experiências de participar de exposições artísticas? Justifique.

As análises das entrevistas foram feitas, a princípio, individualmente e a seguir, as respostas foram comparadas entre elas. Para identificar os entrevistados pedi para que cada um pensasse em uma palavra que representasse o seu processo de formação. Sendo assim, foram identificados com Corpo; Futuro professor; Bastet; Odisseia; Girassol; uma das entrevistada preferiu que a identificasse com seu nome, Nathália.

Iniciei a entrevista perguntando aos participantes se para eles é importante que o professor de Artes tenha a experiência com o fazer artístico. Nenhum dos entrevistados exitou ao dizer que sim, para todos é importante que os professores de Artes tenham experimentações com a arte e que esse contato contribui em muito para a formação de um professor.

Destaco a resposta de duas participantes, Girassol e Nathália. Girassol toca em um ponto bem importante na sua resposta, quando ela ressalta que é importante a experimentação mesmo quando é uma linguagem que o professor talvez não ira fazer outras vezes.

- Completamente, eu acho que quando tu tem esse contato com o fazer artístico, mesmo que aquela linguagem tu não vai fazer outra vez, assim, tu né. Mas esse contato é muito importante, porque além de tu chegar em uma sala de aula, tu vai explicar, não sei tipo Xilo, tu vai explicar sobre Xilo, tu sabe fazer porque tu já passou por aquele processo. (Girassol)

E acrescenta:

- Eu acho que isso contribui muito para a formação do professor. (Girassol)

Acredito que o professor de Arte precisa experimentar todas as linguagens, não só as que ele se identifica. Cito como exemplo, a aquarela, uma técnica de pintura que eu não me identifico, mas que busquei experiementar e praticar para que quando eu for propor aos meus alunos eu tenha conhecimento sobre o que estou fazendo. De acordo com Buoro (2002, p. 25) “Será necessário, pois, que o educador seja capaz de contruir sua própria competência, movidos por ações de querer, poder, dever e fazer, apropriando-se conscientemente da própria vontade de construir-se competente”.

Nathália cita como exemplo a sua formação, ela diz que:

- *É muito importante.* (Nathália)

E quando é questionada sobre o porquê, responde:

- *Bom, eu tenho por experiência a minha formação. Antes do fazer artístico, mais vamos dizer assim, mais reflexivo, mais crítico, eu não tinha a sensação de que eu podia ensinar aquilo. Antes da experiência, antes do fazer, do contato com as linguagens que a gente aprende, eu acho que eu não me sentiria bem, nem apta a tá ensinando essas linguagens sem antes fazer experimentar elas.* (Nathália)

Diante da resposta de Nathália, podemos perceber o quanto o contato com o fazer artístico contribuiu para que ela se sentisse mais segura diante da sua formação docente. De acordo com Lampert e Nunes:

Refletir (e produzir) sobre propostas de ensino/aprendizagem que relacionem teoria e prática é relevante para conectar a subjetividade da prática docente e o próprio processo de formação docente, usando o espaço do ateliê híbrido como força motriz e cartografia como meio de metodologia ou caminho a ser percorrido como possibilidade de trabalho. (LAMPERT; NUNES, 2014, p.03).

Ao serem questionados se já haviam participado de exposições de Artes, todos os participantes responderam que já participaram de exposições. Perguntei em quantas exposições eles já haviam participado, as respostas foram entre duas ou três vezes e todas as exposições foram coletivas, a maioria delas resultante de disciplinas do curso de Artes Visuais Licenciatura da UNESC. Destaco a resposta de Bastet, que comenta sobre uma experiência de exposição antes de entrar para o curso:

- *Quando eu era mais nova eu participei de uma exposição de história em quadrinho, ali na livraria Fátima, que foi uma experiência bastante rica para mim.* (Bastet)

E relata que:

- *Inclusive um dos motivos de eu estar fazendo o curso de Artes foi por causa dessa, ali eu tive contato com outros artistas e é uma troca né, quando tu expõem não é só para ti é para o outro também, ali é um momento de troca de conhecimento, de valores.* (Bastet)

Achei muito rico e agregador esse relato na pesquisa, pois me fez pensar o quanto é importante promover espaço e ações de arte, não só dentro da escola, mas também fora, para a comunidade. Buoro (2002) fala sobre investir em arte para que todos tenham acesso, não só “restrito a um universo privilegiado” e acrescenta “a melhor capacitação dos agentes envolvidos em projetos que integrem a arte e a

educação é, pois, o passo decisivo para despertar outros indivíduos para o contato e as experiências que a arte proporciona” (BUORO, 2002, p.28). O quanto uma ação como essa relatada pela Bastet, contribuiu para que de alguma forma aflorasse nela o desejo e curiosidade pela arte. Se os professores de Artes – e aqui falo de todos os professores e me incluo no grupo – fizessem sua parte começando pela escola promovendo experiências como essas para os alunos, quantos corações podemos aflorar e despertar o desejo pela arte.

Sans (1995) comenta sobre as memórias vivenciadas, ele diz que:

Os acontecimentos vivenciados são guardados conosco porque o homem não vive cada dia independente do outro. O passado é interligado as ideias, às ações e aos sentimentos, às predileções e a uma serie de noções circunstanciais que a todo instante são armazenados na memória e aumentam o conteúdo de nosso conhecimento. A memória permite reviver e associar a consciência de percepção anteriores com as vivenciadas no presente ato. (SANS, 1995, p. 46)

Quando perguntados sobre como foi a experiência de expor, todos dos entrevistados falaram que foram experiências boas e agregadoras para a formação. Destaco novamente as respostas de Nathália e Girassol, que trazem muita emoção nas suas palavras.

Nathália fala que para ela foi:

- Ah, é uma mistura de emoção, é orgulho, nervosismo, é sentir que o que a gente faz não é só para a gente e sim para uma comunidade, uma comunidade que está se formando, que gosta de arte, que pode compartilhar a nossa alegria e a nossa fruição, as nossas experiências. É muito motivador. (Nathália)

Girassol disse:

- Assim, pessoalmente acho que acaba dando mais valor para o meu trabalho, eu vejo que, certo eu tô estudando licenciatura, mas eu sou artista, eu também posso produzir e eu também posso ser referência para os meus alunos. (Girassol)

Observa-se nas duas resposta o valor atribuído ao ato de expor, nesse exercício de mostrar para as outras pessoas as suas produções e ver a reação do publico diante delas, é como se ali reafirmamos o nosso potencial artístico. Diante disso, Cunha (2015) afirma que:

O envolvimento direto dos artistas com questões expositivas, ou seja, com as convenções de apresentação e exibição (display) difundidas pelas instituições (noções de ergonomia, trabalhos pendurados à altura do olho do observador, entre outras) pode criar diferentes possibilidades de inserções para os trabalhos, tanto nos espaços expositivos, quanto em ações para

além de museus e galerias, e em publicações e sites. (CUNHA, 2015, p.36)

Na terceira questão pergunto se os entrevistados acham que participar de uma exposição de Artes contribui para a formação acadêmica de um professor de Artes e mais uma vez as respostas foram unânimes: todos afirmaram que sim.

Odisseia afirma que:

- *Pode, porque ali ela vai ter contato com comentários, com outros artistas.* (Odisseia)

E complementa dizendo que:

- *Porque se tu faz a tua obra e se tu deixa ela escondida dentro de casa não adianta, tem que fazer para expor, para mostrar.* (Odisseia)

Na fala de Odisseia fica evidente mais uma vez a necessidade de mostrar o que se produz e da importância dessa troca de conhecimento entre a produção/público/artista.

A participante Girassol fala do seu projeto de estágio e responde que:

- *Sim, tanto é que no meu estágio IV ele é sobre a formação, sobre esse fazer artístico, como isso contribuiu para o acadêmico de licenciatura.* (Girassol)

E acrescenta:

- *Eu fiquei meio desesperada em entrar em licenciatura em artes e achar que eu só ficaria em uma sala de aula ensinando artes, eu nunca faria uma produção, participaria de exposições.* (Girassol)

Identifico-me com a resposta de Girassol, ao iniciar a graduação também achava que o meu papel como professora de Artes se resumia só em ensinar, que eu não poderia percorrer por entre outros caminhos. Trago novamente o pensamento de Pinheiro (2017) quando ela se refere ao caminho do professor e o do artista como uma via de mão dupla, não é preciso escolher andar por um só caminho, mas sim questionar a natureza de seu papel podendo assim, transitar por entre a arte incorporando outros papéis e funções. E foi nessa via de mão dupla que, assim como eu, Girassol também decidiu percorrer durante a sua trajetória como futura professora.

Seguindo com a entrevista pergunto aos participantes se eles se reconhecem com potencial de professor/artista. Dos 06 entrevistados 05 falaram que reconhecem o seu potencial como professor/artista, só Nathália que responde diferente:

- *Em processo, eu estou me esforçando bastante.* (Nathália)

Futuro professor fala que:

- *Eu me reconheço, porque eu gosto bastante de arte, de produzir e eu sinto que eu consigo me expressar muito através da arte, [...] aqui no curso a gente é convidado a fazer arte em todas as fases, todas as aqui da UNESCO tem uma disciplina de atelier, em que a gente vai produzir arte, então eu adoro isso e quero continuar.* (Futuro professor)

Como citado por Futuro professor o curso de Artes Visuais – Licenciatura da UNESCO oferece na sua grade curricular disciplinas de atelier que possibilita ao educando o contato com o fazer artístico e provoca relações entre teoria e prática. Sobre isso Iaverlberg (2003) fala que:

[...] o professor de arte precisa de vivências de criação pessoal em arte que lhe propiciem a assimilação de conhecimentos técnicos para realizar a transposição didática nas situações de aprendizagem que envolvem o fazer, a apreciação e a reflexão sobre arte como produto cultural e histórico. (IAVERLBERG, 2003, p. 52).

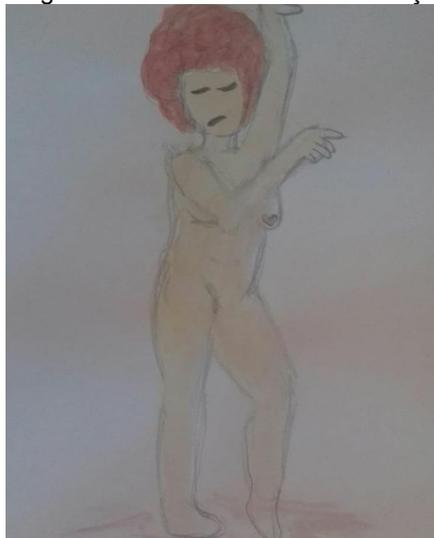
Pergunto em seguida como se deu o processo de reconhecimento como professor/artista, as respostas foram variadas, cada entrevistado teve a sua forma de explicar, como diz Bastet:

- *Eu acho que é negocio bem pessoal, que vem contigo, não é o outro que vai dizer pra ti 'oh, vai ser artista', não! é tu que se considera.* (Bastet)

Cada um se reconhece de um jeito, no seu tempo, da sua forma.

Pedi para que cada entrevistado selecionasse uma produção feita durante a graduação que de alguma forma representasse a sua trajetória acadêmica. Diante desse pedido Bastet selecionou uma de suas primeiras produções 'A vida é uma desconstrução' (imagem 5). A linha de pesquisa de Bastet é voltada ao corpo feminino e seus estudos partem de desenhos.

Imagem 5 - A vida é uma desconstrução



Fonte: acervo pessoal de Bastet

Para Corpo, o seu processo de reconhecimento se deu:

- *Porque eu busco ter experiência. (Corpo)*

E foi em buscas dessas experiências que Corpo começou nesse ano de 2018 uma pesquisa do seu próprio corpo que irá resultar em um espetáculo intitulado 'Alonga.mente' (imagem 6), como um processo de reconhecimento. E sobre a sua produção Corpo comenta: o corpo reproduz o que a alma expressa, e o que muitas vezes tentamos esconder, se revela.

Imagem 6 – Alonga.mente



Fonte: acervo pessoal de Corpo

O processo de reconhecimento de Odisseia vem desde antes da graduação com estudos de desenhos humanos; ele selecionou uma produção realizada em uma oficina de aquarela e comenta (imagem 7):

- *Gostei dela por que ela é simples, mas mesmo assim expressiva.* (Odisseia)

Imagem 7 – Estudo em aquarela



Fonte: acervo pessoal de Odisseia

Para Girassol o percurso no curso contribuiu para o seu processo de reconhecimento, assim como os estágios, as viagens para as Bienais. A produção escolhida por Girassol foi de uma proposta realizada na disciplina de Escultura e Pesquisa, vinculada a uma intervenção artística no Centro Cultural Jorge Zanatta. Ela comenta que foi uma produção que a tirou de sua zona de conforto, o que para ela foi muito importante no seu processo de reconhecimento (imagem 8).

- *Ela fugiu do que eu estava mais acostumada a produzir.* (Girassol)

Imagem 8 – Livro objeto



Fonte: acervo pessoal de Girassol

A entrevistada Nathália destaca que:

- As oportunidades que tenho tido foi me fazendo uma motivação enorme, essas revoluções interiores e comunitárias que a gente tá tendo entre a nossa turma, eu acho que isso tá sendo bem motivador também. (Nathália)

Ela selecionou uma das primeiras ilustrações (imagem 9) que fez que para ela foi onde se deu início a sua identidade como ilustradora, produção realizada em 2016.

Imagem 9 – Sem título



Fonte: acervo pessoal de Nathália

Futuro professor ressalta o papel do curso no seu processo de

reconhecimento:

- *Eu acho que no curso se falou bastante disso também, eu acho que a partir do momento que eu entro aqui no curso e eu vejo disciplinas me colocando para fazer, me ensinando a fazer.* (Futuro professor)

Para ele uma das produções que mais reafirma o seu potencial como artista foi proposta na disciplina de Escultura e Pesquisa (imagem 10), ele comenta que:

- *Fala sobre o monstro das ideologias presentes nos desenhos animados, e por isso o título é 'cuidado crianças'.*

A produção foi realizada em 2017.

Imagem 10 – Cuidado crianças



Fonte: acervo pessoal de Futuro Professor

Ao analisar as respostas dos seis entrevistados sobre o seu processo de reconhecimento, percebe-se que cada processo ocorreu de forma diferente e no seu tempo, alguns com estudos, outros com experiências de si próprios, mas todos apropriam-se da arte e buscam experimentar e criar processos de experiência com o fazer artístico. De acordo com Gerhardt (2008):

O homem como ser criativo busca seu crescimento interior, produzindo/construindo ciência e/ou arte em prol da humanidade. Essa busca proporciona o desenvolvimento cognitivo e faz com que o indivíduo

organize situações criativas, desencadeando uma multiplicidade de situações na organização produção de conhecimento. (GERHARDT, 2008, p.112)

Pergunto por ultimo se eles consideram que o Curso de Artes Visuais da UNESC possibilitou experiências de participar de exposições artísticas; todos os participantes afirmaram que sim, o curso possibilitou exposições coletivas em que expuseram e visitas em exposições dentro e fora da universidade. Mas sobressaiu nas falas o desejo por mais exposições.

Girassol expressa o seu desejo por mais exposições dizendo que:

- Algumas vezes, não foram assim tantas quanto eu queria, eu queria mais, queria expor mais, se eu tivesse exposto pelo menos uma em cada disciplina eu teria ficado muito feliz, mas eu acho que foi pouca assim, poderia ter tido mais. (Girassol)

E Nathália contribui dizendo que:

- Eu acho que não da forma como eu imaginava, acho que nos ultimos acontecimentos tem sido muito de a gente ir atras de coisas que às vezes a gente nem sabia que poderia, como essa ultima exposição que eu tive (estágio IV), mas eu acho que as ofertas fora muito poucas para a gente poder ter a nossa voz ouvida. (Nathália)

Ao analisar a entrevista percebo que, para todos os entrevistados o fazer artístico tem papel fundamental na formação de um professor de Artes, assim como as experiências com exposições, as quais proporcionam momentos de trocas de conhecimentos e experiência entre os artistas/público. O processo de reconhecimento como professor/artista está ligado com as experiências envolvendo a produção artística, os estudos e as vivências adquiridas ao longo da graduação. É notável em todas as falas o desejo por mais experiência com exposições de Artes, senti entre os entrevistados um pesar por já estarem saindo do curso e terem deixado passar as oportunidades de se fazer ouvidos, de ocupar alguns espaços dentro da universidade, de não ter buscado mais vivências. Como a Nathália diz tem coisas que muitas vezes nem sabíamos que podíamos fazer ou participar, talvez tenha sido por insegurança nossa ou talvez imaturidade, mas fico feliz que nós acordamos e lutamos pelo que acreditamos.

Assim como os meus colegas que aqui entrevistei, o meu processo de reconhecimento com potencial de professora/artista se deu pelas vivências com a arte durante o meu percurso na graduação. Sinto que foi a partir do fazer e

experimentar as linguagens artísticas que pude me encontrar, não só como artista, mas também como docente. Na busca por construir a minha formação docente, segui com a linha de pesquisa envolta da simbologia do tijolo, que para mim significa construção e sustento. E durante esta pesquisa realizei uma produção na disciplina de Escultura e Pesquisa (imagem 11), uma crítica a uma revolta que estava passando no momento, construí um tijolo feito somente com bitucas de cigarros de variadas pessoas diferentes, tijolo este que significa construção de um futuro ou trajetória de vida e deixo para o espectador uma pergunta 'Que escolhas te constroem?'.
.

Imagem 11 –Des/construir



Fonte: Acervo pessoal da pesquisadora

Seguindo um pouco mais, agora já na reta final da minha trajetória de formação docente, senti a necessidade de voltar o olhar para a minha construção acadêmica. Uma pesquisa sobre como foi o meu processo de construção, como eu venho me construindo ao longo desses quatro anos e do que eu me construo. A pesquisa resultou em uma produção que será exposta na exposição final 'Vivência artísticas na formação docente' (imagem 12) realizada pelos acadêmicos da 8º de Artes Visuais – Licenciatura.

Imagem 12 – (Re)Construir



Fonte: Acervo pessoal da pesquisadora

Eu me construo de histórias, de momentos e experiências. Me moldo conforme as minhas vivências, sou construção de uma trajetória de luta e resistência. Levo comigo as marcas e rachaduras de uma caminhada árdua e faço delas destaque para que eu não me esqueça do que já passei. E assim eu sigo me construindo, alicerçada no amor, na fé e no conhecimento.

5 TUDO SOBRE A EXPOSIÇÃO FINAL

A exposição final 'Vivências artísticas na formação docente' trata-se de uma exposição coletiva realizada por alguns acadêmicos da 8º fase de Artes Visuais Licenciatura - UNESC. A iniciativa da exposição surgiu durante questionamentos da importância da vivência artística na docência, do quão importante e significativo é o fazer artístico para professores de Artes e poucas oportunidades de exposição atribuídas a esses acadêmicos devido ao regulamento de TCC previsto pelo PPC (2016) do Curso de Artes Visuais – Licenciatura UNESC, que não proporciona a execução de uma exposição de conclusão de curso para acadêmicos de licenciatura. O Curso assim se posiciona atendendo as DCN para o curso de graduação em Artes Visuais, que determina:

Art. 8º O Trabalho de Curso é componente curricular obrigatório, que deverá ser conter os seguintes componentes: I - para o bacharelado: a) uma reflexão escrita sobre o processo de desenvolvimento do trabalho; b) uma exposição individual ou coletiva em espaço público; c) apresentação a uma banca examinadora composta por professores e profissionais da área, nos termos de regulamento próprio. II - para o licenciando: a) uma monografia sobre um tema das Artes Visuais; b) um projeto de curso a ser ministrado sobre esse tema; c) apresentação a uma banca examinadora composta por professores e profissionais da área, nos termos de regulamento próprio. (BRASIL, 2009, p.03).

Partindo desses questionamentos iniciamos um movimento entre os acadêmicos da 8º fase e começamos a colocar em prática o que antes era somente um desejo. Era nosso último semestre, era nossa última chance de realizar a exposição e ela tinha que acontecer, não podíamos sair do curso sem nem antes ter tentado. E para que de fato a exposição acontecesse, eu e um colega – Júlio Cesar Soares – tomamos a frente da organização e começamos a reunir os acadêmicos que, assim como nós, também queriam fazer acontecer.

Todos os acadêmicos da 8º fase foram convidados a participar da exposição e durante as aulas passamos uma lista para que se inscrevessem; tivemos 16 inscrições e as linguagens artísticas ficaram a critério de cada artista, deixando livre para que se apropriassem da linguagem que melhor representasse seu processo durante a graduação.

As decisões referentes à exposição foram tomadas em conjunto com os

acadêmicos participantes, desde o local, data e curadoria, o que para nós foi um desafio já que nunca tínhamos participado da organização de uma exposição. De início nossa intenção era expor dentro da Universidade, já que gostaríamos que a exposição acontecesse durante a semana de defesa dos Trabalhos de Conclusão de Curso. Como não conseguimos um espaço, pois todas as datas já estavam reservadas, fomos à procura de outros lugares para expor, em votação entre os professores/artistas em formação, e decidimos expor na Casa da Cultura.

Para garantirmos a data da nossa exposição na Casa da Cultura, tivemos que realizar um projeto onde explicamos o propósito da exposição e detalhamos as produções a serem expostas. A abertura da exposição aconteceu no dia 16 de Novembro de 2018 e iria permanecer aberta para visitação até o dia 26 do mesmo mês. Porém, dois dias depois da abertura, a exposição foi vetada e as produções retiradas da Casa da Cultura, devido uma das produções expostas. As peças foram trazidas para a universidade no dia 19 de novembro, pela própria Casa da Cultura, que as tinha acolhido.

Os professores/artistas em formação que estavam expondo eram: Ana Cláudia Pinheiro Marques; Ana Paula Corrêa; Andressa Paulino de Araújo; Camila Elias Borges; Eloise Salvaro; Franciele Martinello; Júlio Cesar Gonçalves Soares; Juliana Ribeiro da Silva; Leonardo da Rocha; Luana Vitali Bento; Nathália Florêncio; Paloma Motta; Rita Citadin; Rodrigo Medeiros; Samanta Emidio Batista e Vitória Monteiro.

6 PROJETO DE CURSO

TÍTULO

(Re)vivendo experiências da formação docente em Artes.

EMENTA

Produção artística (criação). Experiências Estéticas.

CARGA HORÁRIA

20 horas

PÚBLICO - ALVO

Professores de Arte de Criciúma e cidades vizinhas.

JUSTIFICATIVA

O projeto vem com a proposta de proporcionar aos professores de Artes já formados uma vivência com o fazer artístico e ocasionar uma troca de experiências entre esses professores. Proponho pensarmos a formação do professor de Artes e quais os contatos com o fazer artísticos que tiveram durante a graduação.

Desta forma proponho três oficinas de artes de linguagens artísticas diferentes, uma forma de possibilitar a experiência dos professores de artes com linguagens que talvez não tiveram oportunidade de ter acesso durante a graduação, ou por inúmeros motivos, acabaram não tendo mais contato depois que se formarem.

A vida repleta por atividades envolvendo a docência pode acabar por afastar os convívios dos espaços artísticos e docentes, e por consequência afetar a relação criativa com a elaboração de planejamentos, pesquisas e poéticas. (LAMPERT; NUNES, 2014, p.104)

Acredito na importância do professor de Artes ter contato com o fazer artístico, não só na graduação, mas durante toda a sua trajetória como professor. Não necessariamente ter uma linha de pesquisa resultante em uma produção artística, mas sempre que possível procurar experimentar novas formas de se fazer arte, novas vivências, novas experimentações, novas técnicas, novos suportes, etc.

Sendo assim essas discussões estarão presente durante todas as oficinas do projeto, de modo a acender nos professores a vontade de levar a diante esse contato mais intimo com a arte e instiga-los a se reconhecerem com potencial de professor/artista.

OBJETIVOS

Geral:

- Proporcionar aos professores de Artes novas experiências com o fazer artístico nos atelier da UNESCO.

Específicos:

- Refletir sobre a importância do fazer artístico para a formação do professor de artes;
- Reconhecer-se com potencial de professor/artista;
- Investigar os reflexos que a produção artística do professor tem dentro da sala de aula;
- Participar como expositores em uma exposição coletiva de professores/aristas;

METODOLOGIA

Para esse projeto foram convidados 15 professores de Artes das escolas de Criciúma e cidades vizinhas. Serão realizadas três oficinas, que foram inspiradas em disciplinas de ateliê do curso de Artes Visuais Licenciatura, sendo assim teremos oficina de Desenho Contemporâneo, Cerâmica e Serigrafia. Cada oficina acontecerá em um dia diferente, para que todos participem juntos compartilhando as experiências.

No primeiro encontro iremos conversar sobre como foi a formação acadêmica de cada professor, quais os contatos com o fazer artístico que tiveram ou que não tiveram durante a graduação. Em seguida iniciaremos a primeira oficina de Desenho Contemporâneo com duração de 5h.

No segundo encontro iremos refletir um pouco sobre as experiências do encontro anterior e debater um pouco sobre quais as contribuições que esse

contato tem sobre a formação e a atuação dentro da sala de aula. Posteriormente daremos início a segunda oficina de Cerâmica com duração de 5h.

No terceiro encontro conversaremos sobre o potencial artístico de cada um, das possibilidades de se verem como professores/artistas e ouvi-los sobre as experiências do encontro anterior. Depois da conversa iniciaremos a última oficina, de Serigrafia com duração de 5h.

No final na oficina será lançada a proposta de realizarmos uma exposição coletiva de professores/artistas, com as produções resultantes das oficinas. A exposição acontecerá na sala Edi Balod na UNESC e as escolas em que os professores atuam serão convidadas a prestigiar a exposição no dia de abertura, que será um momento em que os professores poderão falar de suas produções e se apresentarem como professores/artistas para seus alunos. Acredito que esse movimento seja importante para que eles possam reafirmar o seu potencial como artista.

REFERÊNCIA

LAMPERT, Jocielle, Ramos Nunes, Carolina, **Entre a prática pedagógica e a prática artística**: Reflexões sobre Arte e Arte Educação. Revista Digital do LAV [en linea] 2014, acessado em: 23 de outubro de 18 Disponible en:<<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=337032941007>> ISSN

7 CONCLUSÃO

A pesquisa teve como problemática investigar como os acadêmicos de Artes Visuais – licenciatura da 8ª fase – se veem em relação à sua formação como professor/artista, e como se deu esse processo de reconhecimento. Como objetivos pesquisou a formação do professor de Artes, investigou como o acadêmico de Artes Visuais - licenciatura se sente em relação a sua formação como professor, buscou compreender quais as contribuições que o professor/artista pode levar para sala de aula e analisou quais as contribuições da Universidade na formação do professor/artista.

Diante desta pesquisa, pude constatar que, assim como eu, alguns acadêmicos da 8ª fase de Artes Visuais – Licenciatura, também entendem o contato com o fazer artístico como um papel fundamental para formação dos professores de Artes. Ficando clara essa afirmação no decorrer das entrevistas. Posso afirmar com clareza que todos os objetivos foram alcançados ao decorrer das entrevistas, assim como o problema de pesquisa respondido.

Para os seis acadêmicos entrevistados, o processo de reconhecimentos como professores/artistas se deu por meio das experimentações com o fazer artístico, para alguns esse contato se deu antes da graduação e foi se intensificando ao longo dela. As disciplinas de atelier oferecidas pelo curso demonstraram ter tido papel fundamental para que os acadêmicos pudessem se encontrar nos seus processos de reconhecimentos. A maioria dos entrevistados reafirma o seu potencial como professores/artistas, entre eles um afirma ainda estar em processo.

O desejo dos acadêmicos por participar de exposições artísticas fica claro na pesquisa, as experiências das exposições em que eles já participaram fazem aumentar essa vontade por mais exposições. Concluem-se que as vivências em exposições contribuem para a formação dos professores de Artes, a participação em uma exposição reafirma o seu potencial como professor/artista.

Diante do desejo dos acadêmicos por mais exposições artísticas durante a sua graduação, pelo fato de que essas experiências contribuem para a sua formação como professores de Artes e pela mobilização da maioria dos acadêmicos de Artes Visuais – Licenciatura da 8ª fase em realizarem uma exposição artística de conclusão de curso, venho através desta pesquisa sugerir ao curso de Artes Visuais

– Licenciatura que possibilitem aos futuros graduandos de licenciatura a vivência de uma exposição de conclusão de curso.

De acordo com o Art 8º das Diretrizes Curriculares Nacionais do Curso de Graduação em Artes Visuais (BRASIL, 2009), que esclarece os componentes obrigatórios para os trabalhos de conclusão de curso, para os licenciando é obrigatório “a) uma monografia sobre um tema das Artes Visuais; b) um projeto de curso a ser ministrado sobre esse tema; c) apresentação a uma banca examinadora composta por professores e profissionais da área, nos termos de regulamento próprio”. (BRASIL, 2009, p. 03).

Nas obrigatoriedades para o curso de licenciatura não está previsto uma exposição de conclusão de curso como está para o bacharelado, mas ao observar o parágrafo único percebo uma possibilidade para que venha a serem realizadas também nas licenciaturas as exposições de conclusão de curso, sem deixar de realizar as outras obrigatoriedades já previstas pelo documento. De acordo com o parágrafo único “As Instituições deverão expedir regulamentação própria para o Trabalho de Curso, aprovada pelo seu Conselho Superior Acadêmico, contendo, obrigatoriamente, critérios, procedimentos e mecanismos de avaliação, em acordo com os termos deste Artigo”. (BRASIL, 2009, p. 03).

O documento abre possibilidades para que a instituição emita regulamentação própria para o trabalho de conclusão de curso, assim deixo aqui a minha sugestão para o curso de Artes Visuais – Licenciatura da UNESC, para que juntamente com o Conselho Superior Acadêmico, pensem na possibilidade de aderirem ao curso a exposição final assim como o bacharelado. Acredito que esse desejo pela exposição final não parte só de mim, mas sim de todos os outros acadêmicos de licenciatura, como prova desse desejo temos a mobilização para a realização da exposição ‘Vivências Artísticas na Formação Docente’, já citada neste trabalho de conclusão de curso e que ficará aberta para visita ao longo da semana das defesas, porém em um espaço fora da universidade.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Célia Maria de Castro. **Ser Artista, Ser Professor: razões e paixões do ofício.** São Paulo: Editora USP, 2009.

BAUMER, E.R. **Orientações Das Diretrizes Curriculares Nacionais Para A Atuação Do Professor De Arte.** Universidade do Extremo Sul Catarinense, Criciúma. 2012.

BRASIL. CONSELHO NACIONAL DE EDUCAÇÃO. Resolução CNE/CES Nº 1, de 16 de janeiro de 2009. Aprova as Diretrizes Curriculares Nacionais do Curso de Graduação em Artes Visuais e dá outras providências. 2009.

BRASIL. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional nº 9394/1996 de 20 de dezembro de 1996. Brasília: MEC.

BRASIL. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO CONSELHO NACIONAL DE EDUCAÇÃO CONSELHO PLENO. RESOLUÇÃO Nº 2, DE 1º DE JULHO DE 2015. Define as Diretrizes Curriculares Nacionais para a formação inicial em nível superior. 2015.

BRASIL. Parâmetros Curriculares Nacionais: Arte. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1997c.

BORDAS, M. Relatório final de pesquisa do projeto “**Subsidio à Formulação e Avaliação de Políticas Educacionais Brasileiras- Avaliação da implantação das diretrizes curriculares nacionais para as formação de professores nos cursos de licenciatura**” CNE/UNESCO. Porto Alegre:2009 (Mímeo).

BUORO, Anamelia Bueno. **O olhar em construção: uma experiência de ensino e aprendizagem da arte na escola.** 6 ed. São Paulo: Cortez, 2003.

BUORO, Anamelia Bueno. **Olhos que pintam: a leitura da imagem e o ensino da arte.** São Paulo: Educ / Fapesp / Cortez, 2002.

CAMPOS, Neide Pelaez de. **A construção do olhar estético-crítico do educador.** Florianópolis: Ed. UFSC, 2002. 177 p.

CUNHA, Clara Sampiaio, **Curadoria como prática artística: a experiência da exposição Formas de Voltar para Casa, Mestranda do Programa de Pós-graduação em Artes da Universidade Federal do Espírito Santo.** 2015. Disponível em: < <http://periodicos.ufes.br/colartes/article/viewFile/11476/8267>> acessado em: 27 de outubro de 18

DIAS, Belidson; IRWIN, Rita L. (Org.). **Pesquisa educacional baseada em arte/ a/r/tografia.** Santa Maria, RS: Ed. UFSM, 2013.

FÁVERO, Sandra Maria Correia. **As inquietações do artista-professor**. Artigo publicado em:

http://www1.udesc.br/arquivos/porta1_antigo/XVII%20seminario/ceart.htm, Jornada Acadêmica CEART/UEDESC, 2007.

FAVERO, Sandra Maria Correia. **As inquietações do Artista-professor**. In DAPesquisa. Revista de investigação em Artes. Vol. 2, 2006.

FOUCAULT, M. **Dits et Écris**. 4 vol. Paris, Gallimard, 1994.

GERHARDT, Márcia Lenir. **A criação artística e as poéticas visuais no cotidiano da educação tecnológica**. In: CORRÊA, Ayrton Dutra (Org). Ensino das Artes Visuais: mapeando o processo criativo, Santa Maria: Ed. Da UFSM, 2008.

IABELBERG, Rosa. **Para gostar de aprender arte: sala de aula e formação de professores**. Porto Alegre: Artmed, 2003. 126 p.

IRWIN, Rita L. **Pesquisa educacional baseada em arte: a/r/tografia**. In: DIAS, Belidson (Org.). Santa Maria, RS: Ed. UFSM, 2013.

LAMPERT, Jocielle. **Tessituras sobre Arte e Arte Educação, ou: sobre deambulações no ensino da arte**. In: Oliveira, Marilda Oliveira de. HERNÁNDEZ, Fernando (Orgs). A formação do professor e o ensino das Artes Visuais. 2 ed. rev. e ampli. Santa Maria: Ed. Da UFSM, 2015. p. 105-108.

LAMPERT, Jocielle; NUNES, Carolina R. **Entre a prática pedagógica e a prática artística: Reflexões sobre Arte e Arte Educação**. Revista Digital do LAV [en linea] 2014, 7 [Fecha de consulta: 25 de octubre de 2018] Disponible en:<<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=337032941007>> ISSN

LANIER, V. **The world of Art Education**. Reston: National Art Education Association, 1995.

MARQUES, Isabel A. **Ensino de dança hoje: textos e contextos**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2001.

MARQUES, I. A. **Ensino de dança hoje: textos e contextos**. 6 ed. São Paulo: Cortez, 2011. 134p.

PENNA, Maura. **Não basta tocar?** discutindo a formação do educador musical. Revista da ABEM, Porto Alegre, V. 16, p. 49-56, mar. 2007.

PINHEIRO, Magda Maria André Mendes. **Devir Artista-Professor**. In: SILVA, Maria Cristina da Rosa Fonseca da; PINTO, Julia Rocha (Orgs). **Cadernos de Docência: Problematizações da teoria/prática no estágio supervisionado**. Florianópolis: AAESC, 2017.

PIMENTEL, Lucia Gouvêa. **Metodologias do ensino de Artes Visuais.** In: PIMENTEL, Lucia Gouvêa (org.). Curso de Especialização em Ensino de Artes Visuais 1. Belo Horizonte: CEEAV/EBA/UFMG, 2009. p. 24-37.

UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL CATARINENSE. **Projeto Pedagógico do Curso de Graduação de Artes Visuais Licenciatura (PPC).** 2016.

RICHTER, Ivone Mendes. **A formação do professor de Artes Visuais em uma perspectiva internacional:** implicações para o ensino da arte no Brasil. OLIVEIRA, Marilda Oliveira de (Org.); HERNÁNDEZ, F. A formação do professor e o ensino das artes visuais. 2. ed. rev. e ampl. Santa Maria, RS: UFSM, 2015.

SANS, Paulo de Tarso Cheida. **A criança e o artista:** Fundamentos para o ensino das artes plásticas. 2 ed. Campinas, SP: Papirus, 1995.

VASCONCELOS, E. V. de. **As poéticas pedagógicas do artista-professor.** In: 16º encontro nacional da associação nacional de pesquisadores de artes plásticas dinâmicas epistemológicas em artes visuais 2007. Disponível em: <http://www.anpap.org.br/anais/2007/2007/artigos/080.pdf> Acesso em: 10 agosto 2018.

APÊNDICE



UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL CATARINENSE – UNESC
CURSO DE ARTES VISUAIS – LICENCIATURA/2018
PROFESSORA ORIENTADORA: EDINA REGINA BAUMER
ACADEMICA: ANA CLÁUDIA PINHEIRO MARQUES

Apêndice A

TERMO DE CONSENTIMENTO

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO DO PARTICIPANTE

Estamos realizando a coleta de dados para o Trabalho de Conclusão de Curso intitulado provisoriamente como 'ESTUDO COM OS ACADEMICOS DA 8ª FASE DE ARTES VISUAIS LICENCIATURA E A SUA FORMAÇÃO PROFESSOR ARTISTA'.

O (A) sr (a): _____
acadêmico (a) da 8ª fase do curso de Artes Visuais Licenciatura foi plenamente esclarecido de que autorizando a coleta de dados e estará participando de um estudo de cunho acadêmico, que tem como um dos objetivos *pesquisar a formação do professor de Artes, investigar como o acadêmico de Artes Visuais - licenciatura se sente em relação a sua formação como professor*. Embora o (a) Sr (a) venha a aceitar a participar, estará garantido que poderá desistir a qualquer momento bastando para isso informar sua decisão. Foi esclarecido ainda que, por ser uma participação voluntária e sem interesse financeiro o (a) sr (a) não terá direito a nenhuma remuneração. Desconhecemos qualquer risco ou prejuízos por participar dela. Os dados referentes a Sr (a) serão sigilosos e privados sendo que o (a) sr (a) poderá solicitar informações durante todas as fases do projeto, inclusive após a publicação dos dados obtidos a partir desta.

A coleta de dados será realizada pela acadêmica Ana Cláudia Pinheiro Marques 8ª fase de Artes Visuais – Licenciatura da UNESC, orientada pela professora Édina Regina Baumer.

Criciúma– SC, 26 de setembro de 2018.

Assinatura



Apêndice B

Perguntas norteadoras para a entrevista:

1. Para você é importante que o professor de Artes tenha a experiência com o fazer artístico?
2. Você já expôs? Se sim, quantas vezes? Como foi a experiência de expor?
3. Na sua visão, participar de uma exposição de artes pode contribuir com a formação acadêmica de um professor de Artes? Se sim, de que forma?
4. Você se reconhece como potencial de professor/artista?
5. Em caso afirmativo, como se deu o seu processo de reconhecimento?
6. Você considera que o Curso de Artes Visuais da UNESC lhe possibilitou experiências de participar de exposições artísticas? Justifique:

Apêndice C

Curadoria: Ana Claudia Pinheiro Marques

Julio Cesar Soares

Data de abertura prevista: 16/11/2018 – 23/11/2018

Contato: Ana Claudia Marques (48) 99682-5452

Julio Cesar Soares (48) 99688-2670

E-mail: jcaplusk9419@gmail.com (Julio)

Cidade: Criciúma, SC.

Título da exposição: Vivências artísticas na formação docente

Produções: encontram-se em andamento, devido processo de criação vinculados ao trabalho de conclusão de curso. Portanto, as imagens não estarão anexadas ao projeto, seguem descrições das produções e suas dimensões. (14 artistas-propositores)

A exposição intitulada “Vivências artísticas na formação docente” surgiu pelo interesse dos acadêmicos da 8ª fase de Artes Visuais Licenciatura - UNESC de realizarem uma exposição na qual falem de seus processos ao longo da graduação como docente. A ideia da exposição surgiu em uma roda de conversa informal entre alguns acadêmicos de Licenciatura em 2018.1 durante questionamentos da importância da vivência artística na docência, do quanto importante e significativo é o fazer artístico para professores de Artes e a falta de oportunidades atribuídas a esses acadêmicos devido a ementa do Curso de Artes Visuais – Licenciatura UNESC não proporcionar a execução de uma exposição de conclusão de curso para acadêmicos licenciados. A vontade de realiza-la foi crescendo cada vez mais a partir daquela conversa. Vimos à oportunidade de realiza-la no último semestre de nossa graduação, mesmo que não venha ser vinculada com a universidade, por se tratar de um curso de licenciatura recebemos apoio daqueles que julgam importante o entremeio do fazer e ensinar no intento de abrir oportunidades para próximos acadêmicos licenciados que venham a obter do mesmo desejo.

Começamos a observar nossos colegas, nos tantos outros acadêmicos de licenciatura que vivem e que produzem Arte, que possuem uma riqueza enorme de criatividade e talento e também desvalorizados por não serem vistos também como artistas e somente como professores. Perceber a importância de que esse discurso não se cale dentro da educação e da própria universidade, já que muitos acadêmicos da licenciatura não se sentem seguros o suficiente para que sejam expostas suas produções devido à falta de oportunidades atribuídas ao longo do seu percurso acadêmico. Mas mesmo compreendendo a importância do professor ter a experiência da produção artística para levar para dentro da sala de aula, sentíamos que quando se tratava de um professor a sua produção não era considerada tanto quanto a de um artista. O fato de termos diversos professores/artistas na instituição nos deu força para conquistarmos nosso lugar. Percebemos também a dificuldade que existe em querer realizar uma exposição com trabalhos de professores/artistas. Favero (2007) fala do professor/artista como um proponente e portador de uma

necessidade de conhecer algo, "que não deixa de ser conhecimento de si mesmo, cujo alcance está na consonância do coração com o intelecto. Um corpo criador/um corpo professor, no mesmo corpo" (p. 2).

O fazer artístico a que nos referimos, requer uma grande abertura e possíveis acertos e erros, e essa experiência contínua com processos de criação trazem possibilidades a cada acadêmico de licenciatura – e artista – em muitas situações, encontrar caminhos mais adequados para os exercícios com os alunos, partindo de vivências e experimentações significativas dentro da sua formação.

O curso de Artes Visuais oferece disciplinas de ateliê que afloram o lado artístico dos acadêmicos, instigando-os a produzirem. Acreditamos no nosso potencial como artista, e percebemos o quanto a experiência de expor pode agregar na formação não só acadêmica, mas pessoal dos docentes. É importante que as relações entre o saber e o fazer artístico estejam presentes nas práticas pedagógicas dos professores de Artes. Campos (2002) complementa dizendo que "as vivências somadas às experiências profissionais permitem no exercício da ação-reflexão-reação, melhor compreender o sentido do fazer pedagógico (p. 36)."

Quando nos referimos ao um professor de Artes que se considera um artista não separamos o "ser professor" do "ser artista", visto que além de compartilharem do mesmo corpo compartilham das mesmas experiências, onde um acaba influenciando o outro. Deste modo, "ser artista ou professor não é estar numa encruzilhada e ter que andar em uma só direção, é uma via de mão dupla ou múltipla como diz, Ricardo Basbaum, em "Um artista etc" (PINHEIRO apud BASBAUM, 2017, p.152)".

Para explicar o significado do termo "artista etc" Pinheiro traz como referência Basbaum, que nos esclarece dizendo:

[...] o artista quando é artista em tempo integral pode ser chamado de "artista-artista", no entanto, quando o artista questiona sobre a natureza e função do seu papel podemos chamá-lo de artista etc. Quando isso acontece, o artista acaba transitando por outras instâncias do sistema de arte incorporando outros papéis e outras funções. (PINHEIRO apud BASBAUM, 2017, p.152).

Pinheiro conclui dizendo que "desta forma poderei ser, como diz Basbaum, um artista-etc, uma professora artista (2017, p.152)". Professores/artistas que transitam entre a docência e o fazer artístico e que relacionam esses dois papéis incorporando-os e complementando-os. Vasconcelos (2007) também discute sobre o artista-etc, mas por ter interesse no ensino da arte discorre sobre artista/professor.

Focamos o artista-etc na função de artista-professor, acreditando que este possa desenvolver processos e métodos didáticos-pedagógicos como estratégica artística para o ensino da arte, sendo a "aula" um sistema-poético-educacional ou uma aula-obra de arte. Esta consideração é importante porque problematiza o fazer artístico assim como a grande área do ensino e da educação. Além disso, Basbaum comenta que "(...) esta condição [do artista-etc] atualiza as relações entre arte e vida abrindo outros caminhos para o curioso, o singular, para misturar casuais e ideias". Não se pretende aqui criticar o papel do professor-professor, mas sim apontar para outras possibilidades, tanto para a arte como para o ensino (VASCONCELOS, 2007, p. 792).

Podemos dizer então que nos consideramos como professores/etc, que ao longo de nossa graduação questionamos o nosso papel e buscamos transitar por entre os caminhos da arte. Esse movimento de transitar por entre os caminhos foi

fundamental para a nossa formação como professores/artistas, pois a nossa intenção sempre foi buscar a melhor forma de lecionar e para nós a melhor forma é vivenciar a arte para então poder falar e ensinar sobre ela.

Como citado acima por Vasconcelos, não estamos aqui para dizer como o professor de Artes deve ou não atuar na sala de aula, mas discutindo possibilidades de caminhos pelos quais os professores podem percorrer. Assim não necessariamente o professor de Artes precisa ser um artista atuante, mas apontamos para a importância de que estejam envolvidos de alguma maneira no fazer artístico.

O intuito não é criticar o “professor/professor” como diz Vasconcelos, visto que cada professor sabe e percorre o caminho que melhor lhe convém, para nós esse caminho se fez junto com a do artista, mas isso não é regra é uma possibilidade. Possibilidades estas que devem estar mais claras dentro das universidades, mais visíveis aos olhos dos acadêmicos. Nós enquanto discentes, precisamos discutir essas questões do ser professor e a universidade deve ver a importância dessas discussões, uma vez que um dos seus papéis é de formar cidadãos críticos e autônomos.

A exposição Vivências artísticas na formação docente conta com a participação de 16 artistas. As linguagens artísticas ficarão a critério de cada artista, deixando livre para que se apropriem da linguagem que melhor represente seu processo durante a graduação. As produções estão em processo de finalização, a seguir um parecer de cada produção que será exposta:

Artistas expositores:

1. **Ana Claudia Pinheiro Marques:** A produção intitulada “(Re)Construir” trata-se de um vídeo arte, onde aparece a artista cobrindo aos poucos todo o seu corpo com argila. Durante a graduação a sua linha de pesquisa foi voltada para a simbologia do tijolo, que representava as fases de sua construção acadêmica. No vídeo ela se constrói aos poucos até formar uma camada sobre o seu corpo simbolizando um casulo, o tempo de secagem é relacionado com o tempo em que foi necessário para que a artista se reconhecesse como professora/artista. Após o processo de reconhecimento, a argila seca é retirada e o processo de (re)construção é finalizado.

Estruturação: a vídeo arte estará conectado a uma televisão fornecida pela artista. Dimensão 50x30 (Requisitos: disponibilidade de tomada e/ou extensão se necessário, suporte/cubo).

2. **Rodrigo Medeiros:** Título: “Piedade”. Nesta produção busquei testar e aprimorar através da cerâmica minha percepção sobre as noções de proporção e anatomia, através da representação de um busto humano, o que já é característico nas minhas produções ao longo da graduação. Na representação da figura humana eu consigo analisar o quanto estou progredindo na minha qualidade de artista, pois é preciso que a modelagem ou o desenho fique o mais verossímil possível. Após conseguir alcançar certa semelhança com a figura humana padrão, arrisco agregar algum apelo emocional, neste caso, através da inclinação da cabeça e abertura da boca da personagem. Ao longo do processo, fui corrigindo eventuais erros que foram surgindo, usando minha visão e também a dos colegas, que contribuíram com opiniões e até mesmo desafios. Esta peça foi totalmente moldada em argila e a

queima feita em forno industrial.

Dimensão: 35x28. Requisitos: Suporte/cubo média de 1,30 cm para a produção.

3. **Nathália Florêncio:** A produção intitulada “Construção” consiste em uma moldura dourada de retrato em Madeira, com um tecido branco no meio, onde se revela uma árvore seca costurada a mão com linha preta. As linhas pretas da costura descem, saindo do quadro e formando um emaranhado de linhas, que acomodam peças de cerâmica douradas em formato de folhas e frutos redondos. A obra foi projetada de acordo com uma linha de pesquisa de árvores feitas em diversas técnicas e linguagens ao longo do curso. Traz consigo o significado da árvore como uma representação da minha vivência e experiências do curso, e ligado a isso, os frutos representam memórias e construções que formam minha identidade como docente e artista.

Dimensão: quadro com moldura na parede 35x35 Requisitos: Suporte/cubo para a produção.

4. **Luana Vitali Bento:** A seguinte produção chamasse “Inspire-se Mulher” conta com uma série de três obras, projeto a qual pretendo dar continuidade posteriormente. São recortes digitais feitos de corpos masculinos, com o intuito de mostrar que o desejo sexual feminino existe e tão forte quanto o masculino. Mulheres geralmente são condicionadas a esconder seus sentimentos, senão correm o risco de serem taxadas como promiscuas, meu trabalho é quebrar esses tabus. Estou desenvolvendo uma pesquisa de conclusão de curso na universidade sobre como a imagem feminina é vista pela história da arte, sendo esta geralmente mostrada como objeto de prazer e representa um pequeno grupo dos variados corpos femininos existentes. Nesse quadro tão ilusório e desconexo nascem ideologias românticas e idealizadas. O sentimento amoroso é uma projeção mental que representa uma parte pequena da realidade, quando as mulheres estão em seus quartos imaginam seus homens perfeitos, ou quando estão na rua o jeito de olhar e de andar masculino acorda nossas mais profundas fantasias. O que há de errado em observar o belo? De contemplar um corpo que não é seu? Mulheres costumam ter seus corpos sujeitos aos homens e muitas vezes esquecem de perceber o seu redor. Não usemos de hipocrisia, deixem as moças, as senhoras e as meninas falarem, brincarem e imaginarem. A sexualidade existe para ser vivida.

Dimensão: 21x30 – 21x30 – 21x30 (estarão expostas na parede)

5. **Rita Citadin:** A proposta da produção veio por meio da minha pesquisa de TCC, onde pesquiso sobre como a Cultura Regional aparece nas aulas de Artes do município de Urussanga. No decorrer do texto, falo dos povos indígenas e os conflitos ocorridos com os imigrantes no período de colonização. O processo de colonização não só dizimou um número enorme de indígenas, como ocultou sua cultura. Neste viés, trago por meio da cerâmica, um vaso com referências de urnas funerárias indígenas que dentro dele há o vidro derretido junto com orelhas de cerâmica, representando o sangue derramado e as orelhas indígenas que os bugreiros cortavam em troca de pagamento.

Dimensão: Prato 3x22, Vaso 11,5x22,5. Requisitos: Suporte/cubo

6. **Andressa Paulino de Araújo:** A produção intitulada “Casinha de passarinho” foi uma proposição realizada por mim durante meu percurso e o processo de criação resultou em casinha de passarinho, mas que saísse do convencional. Foi feito uma peça em cerâmica, lembrando uma casinha de palha em tons terrosos. A casinha

ficara suspensa por fios de cima para baixo.

Dimensão: 30x20

7. **Leonardo da Rocha:** A produção intitulada “Garra” fala sobre o instinto animal que os seres humanos herdaram das criaturas primitivas. A produção é um vídeo de stop motion, as fotografias foram produzidas no ateliê de cerâmica utilizando argila para modelar as formas, o processo de montagem e edição do vídeo aconteceu em um programa de computador.

Dimensão: 50x50 (televisão) Requisitos: suporte/cubo

8. **Eloise Salvaro Locatelli:** Com três caixas e um cubo de argila, a artista expressa sua própria identidade diante dessas cerâmicas. As cores da esmaltação se contrapõe com a cor laranja de fundo. Dentro das caixas encontramos vidros, sendo estes o desejo de expressão. Enquanto por fora nos vemos obrigados a seguir padrões, por dentro conseguimos ser quem somos. Os elementos: caixa e vidro estão no imaginário da artista desde a infância e assim, de certa forma, podemos observar um diálogo com a memória.

Dimensão: 3 caixas de 6,5x6, cubo 4,5x4,5 Requisitos: suporte/cubo

9. **Camila Elias:** A produção intitulada “Invasão” é composto pela fotografia do corpo feminino sendo invadido, tem o intuito de possibilitar reflexões a respeito de diversas situações que envolvem a mulher. Foi inspirada na criação da artista contemporânea Lynn Court, a artista expôs seus lambe-lambe colados em 20 pontos do Rio de Janeiro, tratando sobre a questão do assédio nas ruas. Rodeada de situações machistas a artista protestou a liberdade das mulheres com frases: 'Só a mulher sabe a dor que é não poder se vestir do jeito que quer' e 'Ela quer o seu valor. Ela sorriu, mas era dor'.

Dimensão: 30x21 quadro na parede

10. **Paloma Oliveira e Vitória Monteiro:** O áudio visual narra a relação de corpos que habitam o espaço do ateliê. Da produção como uma extensão do corpo, desse corpo que ao manusear é manuseado. Evidenciando que o produto não é todo o objetivo final do processo, ou a parte mais importante. O presente trabalho também estabelece uma relação com o cinema, prestando uma homenagem a produção /edição do cinema do séc. Passado: Cinema mudo. O corpo fala.

Dimensão: 50x50 Requisitos: suporte/cubo

11. **Julio Soares:** apresenta uma produção intitulada “Agonio”, a ação destina-se a violência de gênero, comportamento deliberado e consciente que pode provocar lesões físicas e/ou mentais nas vítimas. Tais situações se manifestam na adolescência com uma frequência crescente e, que em muitos casos, ocorre sob uma forma de controle. A ação levanta reflexões que este tipo de violência psicológica é considerado normal. Muitas vezes sem perceber a gravidade, mas isso acaba virando um comportamento cotidiano e em várias ocasiões, essa situação chega a ser muito perigosa.

Dimensão: 70x40

12. **Ana Paula Correia:** Apresenta uma produção intimista, onde ao longo de sua trajetória se dedica a linha de pesquisa corpo e arte, desenvolve uma produção de gaiolas com vulvas dentro das gaiolas. Composto por duas jaulas suspensas com diversas vulvas feitas em cerâmica.

Dimensão: 2 gaiolas de 20x20

13. **Francieli Lemos Matinello**: apresenta sua proposta realizada em fotografias, onde traduz nas imagens as experiências dentro dos ateliês de Artes Visuais da UNESCO. Fotografando o processo de criação dos universitários, com o objetivo de esplanar a importância do registro na formação. A produção conta com o apoio de 3 varais sobrepostos, com 30 fotografias polaroid.

Dimensão: 7x7 – total 1.20m

Materiais de apoio solicitados

4 tomadas e/ou extensão para apoio

7 Suportes/cubos de no mínimo 1 metro e meio de altura

1 Projetor c/ som

Referências

FÁVERO, Sandra Maria Correia. **As inquietações do artista-professor**. Artigo publicado em: http://www1.udesc.br/arquivos/porta1_antigo/XVII%20seminario/ceart.htm, Jornada Acadêmica CEART/UFSC, 2007.

CAMPOS, Neide Pelaez de. **A construção do olhar estético-crítico do educador**. Florianópolis: Ed. UFSC, 2002. 177 p.

VASCONCELOS, E. V. de. **As poéticas pedagógicas do artista-professor**. In: 16º ENCONTRO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISADORES DE ARTES PLÁSTICAS DINÂMICAS EPISTEMOLÓGICAS EM ARTES VISUAIS 2007. Disponível em: <http://www.anpap.org.br/anais/2007/2007/artigos/080.pdf> Acesso em: 10 agosto 2018.